

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

CARLOS ALEXANDRE SILVA RUBIM

**MONSENHOR ALONSO:
PRECURSOR DO ENSINO RELIGIOSO NO ESTADO DO
ESPÍRITO SANTO**

Vitória

2013

CARLOS ALEXANDRE SILVA RUBIM

**MONSENHOR ALONSO:
PRECURSOR DO ENSINO RELIGIOSO NO ESTADO DO
ESPÍRITO SANTO**

Dissertação apresentada à Faculdade Unida de
Vitória como requisito final à obtenção do
título de Mestre Profissional em Ciências da
Religião

Orientador: Dr. Osvaldo Luiz Ribeiro

Vitória

Rubim, Carlos Alexandre Silva

Monsenhor Alonso / Precursor do ensino religioso no Estado do Espírito Santo / Carlos Alexandre Silva Rubim. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2013.

xii, 104 f. ; 31 cm.

Orientador: Osvaldo Luiz Ribeiro

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória,
2013.

CARLOS ALEXANDRE SILVA RUBIM

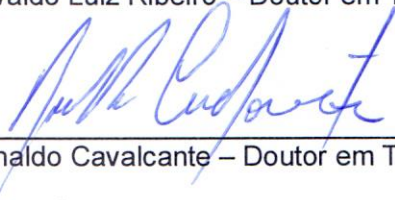
MONSENHOR ALONSO:

**PERCURSOR DO ENSINO RELIGIOSO NO ESTADO DO
ESPÍRITO SANTO**

Dissertação de Mestrado para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões na Faculdade Unida de Vitória no programa de Pós- Graduação em Ciências das Religiões. Área de Concentração: Religião e Sociedade.



Osvaldo Luiz Ribeiro – Doutor em Teologia – UNIDA (presidente)



Ronaldo Cavalcante – Doutor em Teologia – UNIDA



José Mario Gonçalves – Dndo. em História – UNIDA

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação à Milícia de Cristo e a Chiara da Silva Rubim, minha querida sobrinha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Dr. Osvaldo Luiz Ribeiro, pela paciência e dedicação, dada tamanha competência. A professora Neila que fez a correção ortográfica e a todos os professores, indistintamente, que muito colaboraram com este trabalho.

Minha força é a fé que carrego no fundo do peito
Quando nada dá pé, é amém, é axé não tem jeito
No terreiro ele é o Oxalá, no oriente ele é Alá
Ninguém sabe como explicar essa força maior
Ele sempre estende a mão, não importa a religião
Não tem raça, não tem nação, porque Deus é um só

Deus, louvado seja Deus
Deus, louvado seja Deus
Louvado seja Deus... Louvado seja Deus
Deus, louvado seja Deus

Deus está no coração que concede o perdão
No coração que é feliz, vendo o outro feliz
É o perfume que vem da natureza
Flor que renasce do solo da impureza
Uma estrela a me guiar
Manto que aquece a família e protege o meu lar

Ele é o céu, água do mar
Luz do luar, sol do verão
Enche de paz, minha oração
Me dá guarida
Vento que traz inspiração
Força da vida
Ventre de todo universo
Do verso da minha canção

Diogo Nogueira

RESUMO

Esta dissertação, cuja metodologia foi a História Oral, por meio de documentos comprobatórios e entrevistas, busca entender a importância do pioneirismo de Monsenhor Alonso Benício Leite no Ensino Religioso do Espírito Santo, quando o mesmo ainda na década de 50 dá pequenos passos, que hoje são vistos como audaciosos para época; e fato marcante foi o contato que o mesmo teve com uma pastora presbiteriana Dra. Ruth Tavares, militante do Ensino Religioso no Espírito Santo e até mesmo no Brasil. Não é pretensão aqui dizer que Monsenhor influenciou diretamente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Artigo 33 da Lei 9394 com nova redação em Lei nº 9.475, de 22.7.1997, mas quando a entendemos vemos o quanto já era feito por Monsenhor e Dra. Ruth há décadas atrás, sobretudo no pensamento de um Ensino Religioso ecumênico.

Palavras- Chave: Monsenhor Alonso, Ensino Religioso, Ecumenismo, Dra. Ruth Tavares.

ABSTRACT

This dissertation, which methodology was the Oral History, through documentary evidences and interviews, seeks to understand the importance of the pioneers of Monsignor Alonso Benicio Leite in Religious Teaching in the state of Espírito Santo. Even in the decade of 50, he gave small steps, which today are seen as daring for the time. One remarkable fact was that Monsignor Alonso had contact with a Presbyterian pastor Ruth Tavares, militant of Religious Education in the state of Espírito Santo and even whole Brazil. This article do not claim that Monsignor directly influenced the Brazilian Low of Education in its Article 33 Law number 9394, with its new version in the Law No. 9475 of 22nd of July 1997, but when we understand how it was done by Monsignor and Mrs. Tavares decades ago, especially in the thought of an ecumenical religious education.

Keywords: Monsignor Alonso, Religious Education, Ecumenism, and Mrs. Ruth Tavares.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 MONSENHOR ALONSO: PRECURSOR DO ENSINO RELIGIOSO NO ESPÍRITO SANTO	16
1.1 A VIDA DE MONSENHOR ALONSO BENÍCIO LEITE	18
1.2 AS INQUIETAÇÕES SOCIAIS NA ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE DE MONSENHOR ALONSO	20
1.3 VIDA SACERDOTAL DE MONSENHOR ALONSO	22
2 OS PRIMEIROS CONTATOS DE MONSENHOR COM O ENSINO RELIGIOSO: PARÓQUIA, COLÉGIO BRASIL E MILÍCIA DE CRISTO	25
2.1 PARÓQUIA SÃO SEBASTIÃO	28
2.2 MONSENHOR ALONSO E O COLÉGIO BRASIL	29
2.3 A MILÍCIA DE CRISTO	31
3 O PIONEIRISMO DO ENSINO RELIGIOSO NA SINGELEZA DE UMA ATITUDE	37
3.1 MONSENHOR ALONSO ACOLHENDO O DIFERENTE: SENSÍVEL AO ECUMENISMO JÁ EM 1956	39
3.2 MONSENHOR ALONSO: EDUCADOR	42
3.3 MORTE DE MONSENHOR ALONSO	45

3.4 CONSELHO DO ENSINO RELIGIOSO DO ESPÍRITO SANTO (CONERES)	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52
ANEXOS	53

INTRODUÇÃO

A dissertação que se seguirá foi uma grande aventura de pesquisa. Vi-me diante de quase nenhum material para poder, de maneira breve que fosse, fazer algumas considerações que vão ao encontro da idéia de que Monsenhor Alonso Benício Leite, um migrante nordestino, tenha sido um “pioneiro do Ensino Religioso o Estado do Espírito Santo”.

O Estado do Espírito Santo, muito embora não tenha feito nenhum concurso público destinado especialmente aos docentes do Ensino Religioso, possui municípios que já estão à frente com concursos já realizados e diversos profissionais na atuação dessa disciplina que, segundo a LDB, Lei 9.394 de 1996, no Art. 33 diz ser de matrícula facultativa, mas parte integrante da formação básica do cidadão, portanto faz parte das escolas públicas de ensino fundamental, assegurando o respeito à diversidade cultural religiosa e vedadas quaisquer forma de proselitismo.

A dissertação procurará fazer um inventário histórico do Ensino Religioso no Estado do Espírito Santo. Embora uma disciplina com novas perspectivas, considerada ainda nascente em nosso país, essa dissertação mostrará os pequenos passos dados por um sacerdote católico na cidade de Baixo Guandu que, a passos curtos, embora firmes, a disciplina de Ensino Religioso, acontecia numa perspectiva ecumênica. São 16 anos da promulgação da lei, mas quase meio século de trabalho de Monsenhor Alonso e Dra. Ruth Tavares em prol da disciplina no Estado, o que fez surgir uma lei do Estado regulamentando a disciplina:

“ O Governador do Estado do Espírito Santo, no uso de suas atribuições previstas na Constituição Estadual e em vista o disposto no artigo 33 da lei Federal nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, e seu substitutivo Lei 9.475 de 22 de julho de 1997, no artigo 175 da Constituição do Estado do Espírito Santo, decreta: Art.2 O ensino religioso, com ênfase no conhecimento e comportamento humanos visa subsidiar o aluno na compreensão do fenômeno ético-religioso, presente nas diversas culturas e sistematizado por todas as tradições religiosas.

§1º O aluno, se maior, ou pelos pais e responsável, quando menor, deverá efetivar anualmente sua opção ou não para as aulas de Ensino Religioso, através de documento, no ato da matrícula que deverá constar na ficha individual e no histórico escolar do mesmo.

§ Os estabelecimentos de ensino deverão oferecer para aqueles alunos que

não optarem pelo ensino religioso, outros conteúdos e atividades de formação geral, nos mesmos horários de aulas, de modo que todos, sem exceção, cumpram satisfatoriamente sua carga horária anual mínima prevista na legislação vigente”¹.

O cuidado para que a dissertação não seja uma hagiografia será tomado com responsabilidade científica, mas é importante saber que embora o método de revisão bibliográfica seja adotada, ao mesmo tempo muito pouco material é encontrado, uma vez que Monsenhor Alonso não era muito burocrático, devido aos intensos trabalhos e ideologia que o religioso tinha, além de problemas de saúde. Aos poucos uma “aquarela” foi sendo vislumbrada por meio de entrevistas e de alguns poucos documentos encontrados. Como livro central, não científico, utilizei *Padre Alonso: uma lição de vida*, lançado em 2005 e escrito por Sebastião Sobrinho, que possuía por Monsenhor muita admiração. Nesta esteira, muitas serão as dificuldades, mas a tradição oral, aqui entendida como ferramenta séria e possível, será o alicerce da dissertação que se seguirá.

Voltando aos movimentos em prol do Ensino Religioso no Brasil, aqui importante, porque tento mostrar que o estopim das lutas no Ensino Religioso no Espírito Santo começa com Monsenhor Alonso, que motiva a pastora presbiteriana Dra. Ruth, militante do Conselho Estadual de Ensino Religioso do Espírito e também do Fórum Permanente do Ensino Religioso no Brasil. O papel da religiosa será de suma importância para a sedimentação da disciplina, ou seja, uma soma de esforços, definindo e consolidando, de forma coletiva os conteúdos para o Ensino Religioso foi acontecendo, habilitando e estabelecendo normas para a admissão de seus professores, em consonância com os demais profissionais da educação na Educação Básica.

Hoje já existe os Parâmetros Curriculares do Ensino Religioso na Educação Básica. Eu não posso afirmar, de maneira alguma, que tudo isso se deveu a Monsenhor Alonso, não! Ele sequer esteve presente nas lutas nacionais, ou até mesmo no FONAPER. A ideia dessa dissertação será tão somente mostrar a influência e espírito visionário de Monsenhor Alonso que na década de 60 já pensava um Ensino Religioso ecumênico, hoje inclusive já vamos além disso, mas os passos dele foram importantes para que grupos capixabas fossem nascendo e por que não afirmar que isso não se culminou nas

¹ Anexo XLIV

discussões do FONAPER?

O Ensino Religioso passou por diversas fases, seja na Monarquia Constitucional em 1823, no regime republicano em 1890, no Estado Novo em 1937, no Terceiro período Republicano em 1946, no quarto Período Republicano de 1964 e agora nos últimos 16 anos. Assim dentro do PCN o Ensino Religioso vai tratar de temas como a cultura religiosa; a questão da transcendência; as tradições religiosas; os diversos ritos e mitos; o fenômeno religioso; o sagrado; as teologias; o pós-morte; e além de outros temas o PCN irá tratar a questão didática para cada ciclo da disciplina na Educação Básica.

Assim, no primeiro capítulo trataremos mas detalhadamente acerca da biografia de Monsenhor Alonso, quem foi, onde nasceu, onde estudou, como se tornou um padre, enfim entender este ser humano, sua formação acadêmico-religiosa, para ao mesmo tempo, visualizar suas atitudes já na maturidade. Tratar-se-á de uma biografia baseada em relatos e documentos comprobatórios, aqui um tanto rico, uma vez que até documentos pessoais foram conseguidos, até mesmo seu currículo escolar, destacando que suas maiores notas era na disciplina chamada “ religião”.²

O segundo capítulo viajará para a cidade do noroeste capixaba Baixo Guandu. Será neste cidade que os trabalhos de Monsenhor Alonso vai dar início e, com o tempo, se solidificando. A frente da Paróquia São Sebastião fundo um Instituto Religioso: a Milícia de Cristo, com ramos masculinos e femininos; fundou educandários; fundou o Colégio Brasil, esta última fundação de uma Instituição será mais trabalhada, sobretudo pelo primeiro contato com a professora presbiteriana Dra. Ruth, uma vez que Monsenhor também era um educador. A fundação do colégio foi um marco muito importante para que Monsenhor pudesse ser aqui considerado um dos pioneiros do Ensino Religioso no Estado capixaba.

Por fim, mas não menos importante, pelo contrário, a atitude ecumênica de Monsenhor ainda na década de 50, algo quase impensado para a época na singeleza de uma atitude para com a educadora presbiteriana Dra. Ruth. Conheceremos o Conselho de Ensino Religioso do Estado do Espírito Santo, o papel desta disciplina, a importância da luta de Dra. Ruth, que muita influência carregava consigo de Monsenhor Alonso, este um

² Anexo XXI

grande educador. Além disso leremos o que Monsenhor Alonso pensava acerca de alguns temas, com destaque para a educação e os jovens. No final, enquanto citação e fechamento de um ciclo, a morte de Monsenhor Alonso e o carinho dos capixabas para com o religioso.

Por fim, Monsenhor Alonso foi um grande ser humano, eivado de alteridade, um visionário, em outra linguagem um futurista pela época em que rompeu determinados pressupostos impostos por sua própria pertença religiosa que era a Igreja Católica Romana, que defendia catequese nas Escolas, e como na época a mesma possuía muita influência, a determinação de um Ensino Religioso catequético se estendia a todas as escolas, inclusive as públicas. Foi ele um líder educacional, que merece ser conhecido pelos capixabas e, quiçá, brasileiros, eis uma ousadia desse trabalho de pesquisa.

1. MONSENHOR ALONSO: PRECURSOR DO ENSINO RELIGIOSO NO ESPÍRITO SANTO

Este capítulo apresentará Monsenhor Alonso Benício Leite, descrevendo suas origens. Conhecendo melhor sua história, será possível compreender que seu modo de ser e pensar tem ressonâncias na concepção atual que se tem da disciplina “Ensino Religioso”, ou seja, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei n. 9394, promulgada no ano 1996 –, primando pela ausência de qualquer tipo de proselitismo e confessionalidade. Não se trata aqui de afirmar que Monsenhor e seus pensamentos afetaram diretamente a atual LDB, trata-se, neste caso, do contrário, ao entender o atual Currículo do Ensino Religioso, enquanto epistemologia de conhecimento, percebe-se que esta já era por ele vivenciada numa década que o catecismo católico era prioridade nas escolas.

A biografia do Monsenhor será redigida com base em duas assertivas metodológicas: a primeira, a “história oral”, elaborada com base em entrevistas com pessoas que o conheceram, com quem ele conviveu e que hoje podem falar acerca do que viram, ouviram e participaram. Conforme se expressou Thompson³,

A história oral é uma história construída em torno de pessoas (grifo nosso). Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história.

A história oral é discutida também por Marieta de Moraes no artigo “História Oral: tempo presente e história oral”, e assim ela escreve:

A valorização de uma história das representações, do imaginário social e da

³ THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 44.

compreensão dos usos políticos do passado pelo presente promoveu uma reavaliação das relações entre história e memória e permitiu aos historiadores repensar as relações entre passado e presente e definir para a história do tempo presente o estudo dos usos do passado. Nora aprofunda ainda a distinção entre o relato histórico e o discurso da memória e das recordações. A história busca produzir um conhecimento racional, uma análise crítica através de uma exposição lógica dos acontecimentos e vidas do passado. A memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente⁴.

Ao refletir sobre o ponto central das discussões acerca da história oral, assim ela conclui:

O ponto central que unifica as preocupações daqueles que se dedicam ao estudo das elites e dos que se voltam para o estudo dos excluídos é garantir o máximo de veracidade e de objetividade aos depoimentos orais produzidos. Os instrumentos para se atingir tais objetivos seriam a formulação, no caso dos estudos acadêmicos, de roteiros de entrevista consistentes, de maneira a controlar o depoimento, bem como o trabalho com outras fontes, de forma a reunir elementos para realizar a contraprova e excluir as distorções. Com base nesses procedimentos, erigem-se argumentos em defesa da história oral como capaz de apresentar relatos que, se não eliminam a subjetividade, possuem instrumentos para controlá-la.⁵

A afirmação de Thompson de que a história oral lançaria a vida para a própria história se enquadra no intento desta pesquisa de compreender a importância de Monsenhor Alonso para a disciplina Ensino Religioso no Estado do Espírito Santo. Além disso, é necessária a compreensão de que, ao girar em torno de uma pessoa para sustentar uma “tese”, esta dissertação o faz com base em entrevistas com pessoas que direta ou indiretamente foram motivadas pelo *modus vivendi* do religioso. Assim, como bem disse Marieta Ferreira, os procedimentos e argumentos colocarão em evidência a subjetividade, neste caso de Monsenhor Alonso, partindo, todavia, do pressuposto de que existe cientificidade na própria história oral, construída a partir das respostas que serão coletas por meio de técnicas de entrevista, as quais devem ser elaboradas com a finalidade específica de bem entender o papel do religioso para o Ensino Religioso capixaba.

⁴ FERREIRA, Marieta. **História Oral: tempo presente e história oral**, p. 8, disponível em <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Historia_tempopresenteehistoriaoral.pdf> acesso em 12 de abril de 2012.

⁵ FERREIRA, Marieta. **História Oral: tempo presente e história oral**, p. 14, disponível em <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Historia_tempopresenteehistoriaoral.pdf> acesso em 12 de abril de 2012.

Além da história oral, é bom salientar que o livro de Sebastião Sobrinho⁶ colabora em muito com esse primeiro capítulo, visto que o mesmo procurou, por entrevistas, conhecer com maior profundidade a história de Monsenhor Alonso e escrever sobre a vida dele. Trata-se de um livro de caráter formal não-científico – sem notas de rodapé que creditem as informações às fontes responsáveis. Em contrapartida, estarão anexos a essa dissertação documentos pessoais do Monsenhor e, obtidos por meio de entrevistas, relatos de pessoas que com ele conviveram. Todo o montante coletado desta pesquisa, que foi às fontes, tentará mostrar dados biográficos com o máximo de detalhes possíveis para o necessário respaldo acadêmico, mesmo que os dados sejam escassos, uma vez que Monsenhor Alonso “não se preocupava com as questões burocráticas”⁷.

1.1 A VIDA DE MONSENHOR ALONSO BENÍCIO LEITE

Para melhor entender a vida de Monsenhor Alonso, é necessário resgatar as suas origens, compreender, ainda que brevemente, quem foram seus pais e de que modo influenciaram sua infância, conforme o mesmo testemunhou:

Enquanto criança, eu tinha um bom relacionamento com todos os habitantes da pequenina cidade cearense, era sempre muito cuidadoso e um verdadeiro amigo. Procurava conduzir os colegas a atitudes sensatas, orientando-os (sic) para a prática do bem que sempre acreditou existir no coração de todos. Desde muito cedo era atraído pelas atividades religiosas e era uma criança de tão grandiosa alma que todos o consideravam muito especial, o que chamava muito atenção naquele pequeno lugar onde nascera, sul do Ceará, região de fé e esperança⁸.

⁶ Sebastião Sobrinho, amante da vida e dos ensinamentos de “Padre Alonso”, publica no ano 2005, pela editora Paulinas o livro **Padre Alonso: lição de vida**. O mesmo assim testemunha sua relação com padre Alonso já na Introdução do livro: “Padre Alonso nos levou a compreender que não podemos alcançar a plenitude sem buscarmos compreender a mensagem de amor e de paz que Jesus Cristo nos deixou. Somente acreditando em seus ensinamentos podemos viver sem a cruel dúvida de nossa imortalidade espiritual. Porque muitos são os que dizem acreditar na ressurreição de Cristo, mas poucos são os que vivem como se ele existisse. Quem ainda necessita de provas de sua existência, precisa conhecê-lo no íntimo e buscar nele uma experiência viva; só assim compreenderá o efeito que isso acarreta à própria vida. É vivendo Cristo em nosso interior que podemos renovar efetivamente a fé no Criador, e é renovando a fé que exercitamos o bem que mora dentro de cada um de nós. Lembre: exercitar o bem é praticar a felicidade” (SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição de vida**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 7).

⁷ BARCELLOS, José Ayrola. Monsenhor Alonso, um pioneiro do Ensino Religioso no Estado do Espírito Santo. Entrevista concedida a Frei Carlos Rubim. Vitória, 10/02/2012. Anexo 33.

⁸ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição de vida**. Vitória: Paulinas, 2005, p. 55.

“Filho de José Felipe Benício e Antônia Leite de Oliveira”, Monsenhor Alonso Benício Leite nasceu no distrito de Lavras, no município de Quitaiús, Estado do Ceará, em 15 de fevereiro de 1915⁹.

Seu pai era um homem “alto e magro”. Era dotado “de personalidade determinada e bastante decidida”. Uma vez que “acreditava que antes dos dezoito anos o homem não tinha maturidade para assumir um compromisso sério”, não autorizava, então, “o namoro entre adolescentes”. Quanto ao fato de ter sido um “bom homem” e um “bom pai” não havia dúvidas. Se, de um lado, o pai tinha a pele queimada pelo “sol nordestino”, sua mãe, por outro lado, era “loira e de olhos azuis”, fazendo-se “conselheira e companheira em todos os momentos”¹⁰.

A padroeira da cidade onde Alonso nasceu é Nossa Senhora do Rosário. Quitaiús possui uma religiosidade tipicamente nordestina e, devido a isso, sempre recebia missionários de diversas regiões do Brasil. Destacam-se os missionários franciscanos e beneditinos que, naquele período, pregavam na Igreja local¹¹.

O povo daquela região “era conservador das tradições religiosas” e costumava festejar as mais importantes datas da Igreja Católica. Dentre as festas, destacava-se a festa de São João, que “era a comemoração mais longa que faziam: eram três dias consecutivos de muita animação e muitos fogos”. A fogueira de São João, tão difundida nas festas juninas no Brasil, “era coisa sagrada, que não podia faltar”. Brincadeiras, comidas, doces e danças – “era a festa que Alonso mais gostava, não perdia por nada”¹².

Monsenhor Jovianiano Barreto teve uma importante influência na formação religiosa do jovem Alonso e isso foi notoriamente marcante para a formação espiritual do futuro dele. Monsenhor Alonso tinha reconhecido carinho por Monsenhor Barreto.

⁹ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição de vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 7.

¹⁰ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição de vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 52.

¹¹ MACÊDO, Dimas. **A Milícia de Cristo em Quitaiús**. Disponível em: <<http://cafedenoticia.blogspot.com/2011/04/milicia-de-cristo-em-quitaius.html>>, acesso em 29 de fev. de 2012.

¹² SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição de vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 55.

Era seu padrinho de crisma e Alonso estava sempre por perto para ajudar-me nas atividades da Igreja. Desde cedo, Alonso demonstrava-se solidário e voltado para o propósito de acolhimento dos necessitados; nele havia boa vontade e paciência para ajudar. Era um adolescente solidário e voltado para os propósitos da necessidade alheia¹³.

Mesmo quando era ainda uma pequenina criança, sempre teve muita sensibilidade pelos pobres e passou, juntamente com os membros da Paróquia de Quitaiús, a vivenciar os problemas da comunidade, quando então teria notado as grandes diferenças sociais que existiam na região onde morava¹⁴.

1.2 AS INQUIETAÇÕES SOCIAIS NA ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE DE MONSENHOR ALONSO

Desde cedo então, Monsenhor Alonso sentiu imensa necessidade para mudar o que já podia perceber naquele quadro de injustiças por isso este subcapítulo tem como intenção mostrar que Monsenhor ainda que adolescente já tinha algumas inquietações, sobretudo sociais. A dor do outro era também sua. Aos poucos, ia abandonando as necessárias fantasias de criança para se deparar com a nua a crua vida de um pobre nordestino. Alonso discerniu muito precocemente que toda aquela exclusão e vida indigna não era o propósito de Cristo¹⁵.

Já como monsenhor em Baixo Guandu, do que à frente trataremos, disse a um pesquisador:

Eu me via perturbado a tantas perguntas. Meu espírito desejava respostas, mediante a intranquilidade de minha própria consciência que, de algum modo, pedia incessantemente, para nunca abandonar a quem Deus, segundo meu próprio julgamento, esperava que eu acolhesse¹⁶.

Alonso, muito embora pobre, nordestino e migrante, não desanimou, recebendo de seus pais sempre o “apoio necessário”. Seu mundo na meninice foi marcado pelas grandes aventuras, pelas brincadeiras, acesso à escola; e trabalhava com dedicação, recebendo

¹³ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição de vida**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 56.

¹⁴ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição de vida**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 56

¹⁵ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição de vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 56.

¹⁶ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição de vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 57.

incentivo e carinho de sua família¹⁷.

Alonso sempre demonstrou, desde muito cedo, o vivo desejo de ser padre. E foi com esse espírito, decididamente cristão e fervoroso, que ainda muito jovem emigrou para o Rio de Janeiro, levado pelo seu primo, Dom Hilário Leite de Macedo, que era Monge Beneditino e que muito influenciou na sua formação¹⁸. Foi no Rio de Janeiro que deparou-se com seu primo Dom Francisco Leite, que era monge e que já o conhecia, tendo pelo jovem vocacionado muita simpatia¹⁹.

Após a conclusão do seu curso primário, seguiu para Manhumirim, Estado de Minas Gerais, com o Padre Julio Maria de Lombarherde, fundador da Ordem dos Sacramentinos de Nossa Senhora, ali realizando os seus estudos de humanidades, na Escola Apostólica da mesma Congregação²⁰.

O monge beneditino Dom Francisco “o acolheu num dos melhores colégios da Capital fluminense”, o Mosteiro de São Bento. E assim Monsenhor pode estudar numa “excelente escola”. No início teve “certa dificuldade para adaptação nos estudos”, mas apesar da escola do sertão não ter lhe oferecido preparo suficiente para frequentar uma escola de elevado conceito, “sua inteligência revelou um aluno de grande potencial”. E paulatinamente foi se adaptando à nova realidade.²¹

Ele “não mediu esforços para a sua aprendizagem”. Sua cultura, gradativamente, ia crescendo acompanhada do progressivo número de livros que lia “com muito prazer”²².

¹⁷ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição de vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 57.

¹⁸ MACÊDO, Dimas. **A Milícia de Cristo em Quitaiús**. Disponível em: <<http://cafedenoticia.blogspot.com/2011/04/milicia-de-cristo-em-quitaius.html>>, acesso em 29 de fev. de 2012.

¹⁹ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição de vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 58.

²⁰ MACÊDO, Dimas. **A Milícia de Cristo em Quitaiús**. Disponível em: <<http://cafedenoticia.blogspot.com/2011/04/milicia-de-cristo-em-quitaius.html>>, acesso em 29 de fev. de 2012.

²¹ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição de vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 58.

²² Já idoso, em Baixo Guandu, segundo informação de Irmã Lúcia, milicianiana, a única riqueza material que monsenhor Alonso tivera deixado eram seus livros, inúmeros, de diversos temas. Uma vez que era um presbítero diocesano todos os livros ficaram na Diocese de Colatina-ES, muito provavelmente no Seminário Diocesano do mesmo. A Milícia de Cristo, Instituição por ele fundada não possuiu nenhum desses livros, uma vez que canonicamente não havia uma direta relação entre o Instituto e o fundador, que não era muito preocupado com burocratizações, em vários setores da sua vida administrativa.

Também em entrevista concedida na pesquisa de Sebastião Sobrinho, Pe. Alonso dissera que nessa época muitos desistiram da vida religiosa e assim se expressou:

Eu acordava às cinco horas da manhã e logo após o café eram iniciados os estudos que só terminavam às nove horas da noite. Havia pequenos intervalos para o descanso que incluíam os horários das refeições; o ritmo era realmente acelerado. Os estudos tomavam a maior parte de nosso tempo, que também dedicado à constante prática de oração. Confesso que sempre estive vigilante para que meu espírito não enfraquecesse e me levasse a desistir diante daquele ritmo exaustivo. Por isso, mantive-me em harmonia com Deus para não me desviar de meu grande propósito e para não fraquejar na longa caminhada que tinha pela frente. Mesmo com toda dificuldade, estava determinado a ser padre e iria até o fim, independente do que acontecesse²³.

É notório que a formação e o sofrimento social e econômico de Monsenhor Alonso em sua infância e juventude culminasse, de algum modo, em sua personalidade e em sua liderança enquanto presbítero. Como se nota sua sensibilidade para com os pobres e necessitados é quase um imperativo para a caridade, visto que era um nordestino que trazia consigo diversas inquietações. Alteridade, eis o que veremos em sua vida sacerdotal.

1.3 Vida sacerdotal de Monsenhor Alonso

A vida sacerdotal de Monsenhor é um novo começo de vida, diríamos, dada a entrega total que é imperativa à condição religiosa a que o mesmo optou. Falaremos de modo mais específico da vida sacerdotal. Nosso objetivo é conhecer um pouco sua história e entender de que modo o referido padre foi de fato o pioneiro do Ensino Religioso no Estado do Espírito Santo.

Em 1934, “ele recebeu a batinha preta do clero diocesano”. “Estudando Filosofia”, encontrou respostas a muitos questionamentos em torno de sua vida, o que lhe serviu de base para compreender um pouco mais o processo da existência. Monsenhor, aos poucos, foi assumindo uma “consciência de pregador e construtor da paz”: queria levar a plenitude da vida aos cristãos a partir da “reforma íntima e da essência que emana de

²³ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição de vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p 59.

Deus”²⁴.

Segundo Dimas Macedo, Monsenhor Alonso²⁵ concluiu seus estudos teológicos no tradicional Seminário de Mariana, em Minas Gerais, e foi ordenado sacerdote aos 21 de dezembro de 1941, na Catedral Metropolitana de Vitória, celebrando sua primeira missa na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, no município de Serra, Estado do Espírito Santo.

A vivência com as pessoas da paróquia foi despertando em Monsenhor Alonso o gosto pelo novo ritmo de vida e admiração pelos trabalhos que eram desenvolvidos nas comunidades do município de Colatina, sem dúvida aprendeu também muito com monsenhor Luiz²⁶.

O que aprendera com esses “homens de Deus” Monsenhor Alonso procurou sempre levar e aplicar em sua vida: sem dúvida “ele nunca desperdiçou uma oportunidade de aprender” e talvez por isso tenha sido um “grande educador”²⁷.

O dinamismo era uma característica do jovem “padre” Alonso. “Padre Alonso deixou um legado importante em nossa paróquia, não só pelas obras materiais, mas principalmente pelo trabalho de vanguarda na evangelização. Considerado um ‘homem visionário’, além do seu tempo”²⁸.

Seu ministério sacerdotal transcendia a Instituição, pois o mesmo procura levar tão somente amor às pessoas, mas não um amor programado, cheio de regras e condições, costumes ou línguas. Monsenhor não dizia que amava, mas demonstrava esse amor com sua própria ação e por isso era um homem de profundo contágio de humanização²⁹.

²⁴ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição de vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 59.

²⁵ MACÊDO, Dimas. **A Milícia de Cristo em Quitaiús**. Disponível em: <<http://cafedenoticia.blogspot.com/2011/04/milicia-de-cristo-em-quitaius.html>>, acesso em 29 de fev. de 2012.

²⁶ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição de vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 61.

²⁷ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição de vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 61.

²⁸ MACÊDO, Dimas. **A Milícia de Cristo em Quitaiús**. Disponível em: <<http://cafedenoticia.blogspot.com/2011/04/milicia-de-cristo-em-quitaius.html>>, acesso em 29 de fev. de 2012.

²⁹ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição de vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 62.

Sua vontade de humanizar era muito forte, tanto que mesmo nos locais onde não havia capela ele procura reunir as pessoas, pregava o Evangelho ao ar livre e à sombra das árvores³⁰. Nem por isso suas palavras deixavam de surtir efeito da renovação íntima que objetivava.

³⁰ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição de vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 65.

2 OS PRIMEIROS CONTATOS DE MONSENHOR COM O ENSINO RELIGIOSO: PARÓQUIA, COLÉGIO BRASIL E MILÍCIA DE CRISTO

Ainda que de modo resumido, no primeiro capítulo, procuramos entender quem foi Monsenhor Alonso, sua origem e formação. O capítulo que segue tem a função de mostrar de que maneira a temática do Ensino Religioso envolve Monsenhor, seja como um religioso, seja como um educador, diretor do Colégio Brasil.

Em Baixo Guandu, pequena cidade do noroeste capixaba, o alicerce começado pelo Monsenhor Alonso ajudou a construir espaços onde a religiosidade não ficaria tão somente ligada ao catolicismo, que ele professava e amava, mas a algo que ele mesmo ensina: a acolhida e o respeito, palavras-chave para um processo ecumênico e para isso que hoje chamamos de Ensino Religioso. Monsenhor nunca se “preocupou apenas com religião”, segundo disse Dra. Ruth de Albuquerque, que ainda acrescentou: “pelo contrário, para ele a religião deveria estar a serviço do outro”³¹.

Em 1944, Monsenhor Alonso assumiu a paróquia, zelando pela continuação da obra da Matriz Paroquial. A Paróquia se tornou seu “abrigo, a sua casa, seu ninho”³². Uchôa de Mendonça, diz acerca do envolvimento político-social que o religioso se envolvia e influenciava .

Vão para mais de três décadas que conhecemos **velho educador** (grifo nosso), hoje com seus 77 anos de persistente luta em favor da comunidade que o abrigou e que tem por ele uma enorme admiração e carinho, por tudo o que construiu e reivindicou junto aos organismos públicos. Um dia, o arcebispo surgiu com a ideia maluca de transferi-lo de Baixo Guandu. Alguns amigos da cidade pediram ajuda nossa para impedir a mudança, como se um refinado ateu pudesse se meter nos caminhos da Igreja Católica para tratar de tal assunto interno”³³.

A chegada de Monsenhor Alonso em Baixo Guandu causou receio no início, graças à natural resistência das pessoas. Todos estavam já acostumados com padre Aristides.

³¹TAVARES, Ruth A. “Padre Alonso acolhendo o diferente, sensível ao ecumenismo”. Entrevista concedida a Sebastião Sobrinho. Vitória, 30 de abril de 2004. Anexo I.

³² MENDONÇA, Uchôa de. **Um padre diferente**. Vitória: Jornal A Gazeta, 1991. Anexo 26.

³³ MENDONÇA, Uchôa de. **Um padre diferente**. Vitória: Jornal A Gazeta, 1991. Anexo 26

Havia também os católicos mais antigos na comunidade que preferiam assumir uma posição mais cautelosa em relação à sua chegada até saberem realmente de quem se tratava.

Uchôa relata que “pressões políticas”³⁴ queriam a transferência de Monsenhor. Segundo o autor, “ele defendia as lideranças do PSD”³⁵ em terras guanduenses.

A briga não foi em vão e ajudamos a comunidade guanduense a sustentar o padre Alonso em permanecer na cidade, quando ele declarou que só sairia dali morto. Foi um pá de cal no arcebispado, que o suporta até hoje ali, por força do trabalho **humanitário** (grifo nosso) que realiza³⁶.

Foi com o passar do tempo que o pároco conseguiu construir confiança entre todos, “acreditando que não poderia desistir de nenhuma ovelha”. Ele acreditou na amizade que encontraria naquelas pessoas que para ele também eram “estranhas”. Algo que isso se poderia considerar comum em todo início de um trabalho com pessoa não conhecida³⁷.

Ele foi percebendo a “importância de seu trabalho”, entendeu que aquela cidade era a responsabilidade que “Deus havia lhe confiado”³⁸ e muito se dedicou, a ponto de cogitarem de ser Prefeito, mas ele “abriu mão”³⁹. Defendia uma política “honesta”, quando orientava seus paroquianos a uma “votação consciente”. Segundo Sebastião Sobrinho, Monsenhor Alonso “talvez tivesse mais respaldo político do que muitos políticos”⁴⁰, tornando-se assim “imortal”⁴¹ para o povo de Baixo Guandu.

A vida de Monsenhor na cidade de Baixo Guandu ia de fato comovendo muitas pessoas como relata uma das fiéis que sobre ele escreveu:

Nosso padre fez de sua vida uma grande oração. Ele nos dizia que o trabalho com perfeição e muito amor é uma grande oração. No coração deste grande

³⁴ MENDONÇA, Uchôa. **Um padre diferente**. Vitória: Jornal A Gazeta, 1991. Anexo XXIX.

³⁵ MENDONÇA, Uchôa. **Um padre diferente**. Vitória: Jornal A Gazeta, 1991. Anexo XXIX.

³⁶ MENDONÇA, Uchôa. **Um padre diferente**. Vitória: Jornal A Gazeta, 1991. Anexo XXIX.

³⁷ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição e vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 68

³⁸ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição e vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 68

³⁹ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição e vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 26

⁴⁰ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição e vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 26.

⁴¹ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição e vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 66.

sacerdote não existia maldade, só amor e nada mais. Ele nos contava com muita simplicidade a vida de muitos santos da Igreja. Pois era uma pessoa de uma inteligência extraordinária. Também respondia perguntas esclarecendo cada vez mais nossas dúvidas. Sua intensidade na fé, humildade, de seus atos, e o amor com que tudo realizava, fazia de uma pessoa extremamente valiosa para todos. Soube sempre perdoar e acolher, mesmo que as ofensas fossem propositais e ferissem sua sensibilidade. “Muitas vezes abandonava seus direitos para pôr-se a serviço dos outros”⁴².

Monsenhor começou seu trabalho agindo sempre sem “discriminação”, era envolvido conforme já fora dito com as questões políticas-sociais do Município, tornando assim “grande amigo daqueles que outrora estavam distantes”⁴³ Resulta, pois, importante ilustrar a atitude ecumênica de Monsenhor com um relato de Dr. Ruth:

Chegamos para residir em Baixo Guandu onde meu marido iria pastorear a Igreja Presbiteriana no ano de 1956. Ao chegarmos algumas pessoas da comunidade nos procuraram, levaram algumas coisa, como bolo, biscoito, pois era um costume na cidade introduzido pelo padre Alonso. Ele dizia que quem chega precisa ser acolhido (...). Depois de algum tempo, o padre Alonso foi para o alto-falante e disse ‘católicos, estamos com uma família na cidade, o pastor Eliezer, sua esposa e seus filhos. Estou gostando da maneira como ele tem tratado a questão religiosa, espero que os católicos deem apoio à sua família’⁴⁴.

Monsenhor era um homem de fé, era um “padre integrado à vida comunitária”⁴⁵, e suas atividades transcendiam o rito ou os sacramentos. Seu comportamento junto às famílias ia muito além da função de “pregador do Evangelho”⁴⁶. Foram cinquenta anos de convívio social que resultaram em diversas homenagens a ele feitas, tais como: Colaborador Emérito da Justiça⁴⁷, Honra ao Mérito por relevantes serviços prestados à comunidade⁴⁸, Medalha do Cinquenta anos de Emancipação Política do Município de Baixo Guandu⁴⁹ e Título de Cidadão Honorário Guanduense⁵⁰.

Para entender a harmonia que havia entre Monsenhor Alonso e as pessoas, é preciso ter tido alguma experiência de convívio com ele, como sempre destacam os parauianos de Baixo Guandu. Ele entrava nos lares e no

⁴² SANTANA, Maria R. **Monsenhor Alonso cidadão guanduense**. Baixo Guandu, 2003.

⁴³ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição e vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 68.

⁴⁴ TAVARES, Ruth A. **Padre Alonso acolhendo o diferente, sensível ao ecumenismo**. Entrevista concedida a Sebastião Sobrinho. Vitória, 30 de abril de 2004. Anexo I.

⁴⁵ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição e vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 68.

⁴⁶ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição e vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 68.

⁴⁷ Cf. Anexo VI.

⁴⁸ Cf. Anexo VII.

⁴⁹ Cf. Anexo VIII.

⁵⁰ Cf. Anexo IX.

coração de cada um pelas portas espirituais da alma, porque era para dentro da essência e do coração de cada família que ele levava a harmonia e o amor que deveriam ser compartilhados comunitariamente⁵¹.

2.1 PARÓQUIA SÃO SEBASTIÃO

Conhecer um pouco a história da Paróquia São Sebastião é conhecer o “habitat espiritual” de Monsenhor Alonso, pois nesta Paróquia viveu por quase cinquenta anos. O carinho pela Paróquia foi tão grande que o próprio povo pediu que fosse o mesmo sepultado dentro da Igreja, algo que se consumou conforme veremos no terceiro capítulo.

A igreja de São Pedro, sede da Paróquia, hoje é patrimônio do povo guanduense, como vai dizer Sobrinho⁵². Ao longo da vida sacerdotal de Monsenhor Alonso esse foi o seu “lócus”, local onde viveu Monsenhor por quase cinquenta anos. A foto abaixo é atual e mostra o templo da Igreja.



Imagem do templo da Igreja Matriz de São Pedro⁵³.

Sobrinho afirma que “hoje, a matriz de São Pedro é um dos maiores patrimônios históricos da Igreja e do guanduense”⁵⁴.

O alicerce de nossa Paróquia, começou a ganhar contornos em 1887. Onde existe hoje a Praça Getúlio Vargas foi construída a primeira capela que

⁵¹SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição e vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 68.

⁵²SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição e vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 69.

⁵³História da Paróquia. Baixo Guandu, 2012. Disponível em: <<http://www.rededesaopedro.com.br/a-paroquia/historia-da-paroquia.html>>, acesso em 29 de fev. de 2012.

⁵⁴SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição e vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 69.

abrigou as atividades religiosas da comunidade católica e fez ecoar os badalos do primeiro sino do antigo povoado do Guandu. A capela recebeu o nome do santo que seria nosso primeiro padroeiro: São Sebastião. Naqueles tempos foi assistida religiosamente pelas Paróquias de Linhares, Afonso Cláudio e Colatina.

Em 1917 tornou-se parte da paróquia de Colatina e, vinte anos mais tarde, foi elevada à categoria de paróquia. Seu primeiro vigário foi o padre Aristides Taciano, que iniciou a construção da igreja matriz de São Pedro em 1942. Como que prevendo o enorme crescimento da devoção à fé católica no município, o sacerdote planejou um templo de grande porte, em suas palavras “uma igreja para daqui a 50 anos”⁵⁵.

É notável que foi importante a construção de uma grande igreja tendo em vista o crescimento urbano, algo por Padre Aristides percebido, “pois que a cidade cresceu rapidamente”. Pode-se dizer, portanto, que Monsenhor teve “um papel fundamental na ampliação da religião nessa terra do norte capixaba”⁵⁶, onde a fé cristã “encontra guarita nos corações do povo que por muitas gerações o ouviram pregar nas igrejas e nas capelas espalhadas no território do município”⁵⁷.

2.2 MONSENHOR E O COLÉGIO BRASIL



58

Conhecer o Colégio Brasil, este é o intuito deste subitem. O Colégio Brasil foi o primeiro passo do religioso agora educador também. Foi no Colégio Brasil que tudo começou, inclusive o contato com Dra. Ruth que renderá bons frutos para o Ensino Religioso. Assim o Colégio foi o estopim de tudo, um pequeno passo que colaborou em

⁵⁵ História da Paróquia. Baixo Guandu, 2012. Disponível em: <<http://www.rededesaopedro.com.br/a-paroquia/historia-da-paroquia.html>>, acesso em 29 de fev. de 2012.

⁵⁶ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição e vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 69.

⁵⁷ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição e vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 70.

⁵⁸ Colégio Brasil. **Formatura 2011**. <<http://casadoprofessorbg.blogspot.com/2010/12/formatura-proerdia-06-de-dezembro>> Acesso em 15 de outubro de 2012.

muito com a história da disciplina de Ensino Religioso.

Após a construção da matriz e vendo o crescimento da comunidade, Monsenhor inaugura o Colégio Brasil em 14 de outubro de 1952⁵⁹. O colégio oferecia o ensino primário e a admissão ao ginásio. Graças a apoio de Monsenhor, várias escolas foram sendo fundadas no interior do município “como em Ibituba, Km 14, Mutum Preto, Bananal e outros”⁶⁰.

“Monsenhor era defensor da Educação” como prova disso citamos seu registro de Diretor do Colégio Brasil que fora concedido pelo Ministério da Educação e Cultura no ano de 1969⁶¹. Monsenhor tinha muita “afinidade com pessoas do serviço público municipal” e seu desejo maior era “levar aos jovens O conhecimento”⁶².

É nesse período que Padre Alonso conhece a Pastora Ruth de Albuquerque Tavares, e logo a convida para que a mesma dirija o grupo escolar. A iniciante educadora afirmou que Monsenhor foi “sempre um lutador pelas causas dos pobres”⁶³.

Como padre, incansável e lutador não separavam o padre, que lutava para que todos tivessem onde morar, se abrigar, estudar. Não era um homem só para si. Era capaz de distribuir com o pobre, o pão de cada dia. **Não era um padre que só pensava em religião** (grifo nosso); pelo contrário, para ele a religião deveria estar a serviço do homem. Lutava pela dignidade humana, tanto que organizou em Baixo Guandu, duas entidades para ajudar as pessoas necessitadas⁶⁴.

A título de uma breve menção, pois que a temática do Ensino Religioso será tratada no terceiro capítulo, é importante destacar que nesse encontro dos dois religiosos que se começou a pensar um Ensino Religioso diferente de uma simples catequese doutrinária, conforme relata a educadora em entrevista concedida:

⁵⁹ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição e vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 74

⁶⁰ SOBRINHO, S.H. **Padre Alonso: lição e vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p.74.

⁶¹ Cf. Anexo III.

⁶² SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição e vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p.74.

⁶³ TAVARES, Ruth A. **Padre Alonso**. Entrevista concedida a Carlos Alexandre Silva Rubim. Vitória, 15 de abril de 2012. Anexo XXXVI.

⁶⁴ TAVARES, Ruth A. **Padre Alonso**. Entrevista concedida a Carlos Alexandre Silva Rubim . Vitória, 15 de abril de 2012. Anexo XXXVI.

Para surpresa minha foi feito um convite para que eu assumisse a direção do grupo escolar. Trabalhamos muito bem. Tanto o Deputado (Carlyle) como o padre me deram todo apoio e pudemos desenvolver um trabalho muito bom, com auxílio de todos, inclusive dos professores, mas uma coisa estava criando uma situação de exclusão, era justamente o Ensino Religioso, que era confessional. Professores brigavam entre si, católicos e protestantes por questões religiosas, e que estava refletindo no comportamento das crianças, tornando o ambiente escolar desagradável (...). Expus, sobre o Ensino Religioso e como estava fazendo mal a toda comunidade. Então Padre Alonso me perguntou: ‘o que a senhora sugere? Retirar o Ensino Religioso?’? Respondi que não, mas que tínhamos um meio de resolver a situação, que seria o Ensino Religioso ecumênico. Falamos sobre isso, e no final da conversa, ele disse; ‘dou meu apoio em tudo que a senhora fizer, pode começar’.⁶⁵

Enquanto líder religioso e diretor de escola, monsenhor sentia que algo faltava para preencher seus projetos de vida, para fazer vislumbrar na Igreja e sobretudo na sociedade, um trabalho que se voltasse para o pobre, para o necessitado. Dado isso, funda em 1948 o Instituto Milícia de Cristo.

2.3 A MILÍCIA DE CRISTO

Esta breve menção acerca da Milícia de Cristo merece um cuidado para não transparecer hagiografia de fato, mas ao mesmo tempo provamos que mesmo quando Monsenhor Alonso funda um instituto religioso não o formata sem um pensamento ecumênico, tanto que o Carisma do Instituto é a acolhida e a Espiritualidade da Unidade : “que todos sejam um”.⁶⁶

“Consciente de que sozinho não poderia assumir os desafios que a paróquia de Baixo Guandu lhe apresentava”⁶⁷, Monsenhor funda, antes do Colégio Brasil, em 1948, o Instituto Milícia de Cristo. Trata-se de uma Instituição composta por padres, freis e freiras.

Preocupado com os segmentos desassistidos da população, com a inoperância da cultura erudita e com a falta de responsabilidade da elite política da sua nação, fundou, em 1942, a Sociedade Brasileira de Cultura Popular, ainda hoje em franca atuação no Sudeste do Brasil.

Mas o que marcou, contudo, a atuação terrena desse servo de Deus e da

⁶⁵TAVARES, Ruth A. **Padre Alonso acolhendo o diferente, sensível ao ecumenismo**. Entrevista concedida a Sebastião Sobrinho. Vitória, 30 de abril de 2004. Anexo I.

⁶⁶ CF Jo 17,21.

⁶⁷ SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição e vida**. São Paulo: Paulinas 2005, p. 71.

Igreja, foi a criação da Congregação das Milicianas de Cristo, em 1948, instituição social e de natureza caritativa destinada à causa das crianças e jovens desamparados, impondo a essa importante instituição a extraordinária personalidade carismática do seu criador, que sempre esteve atento à lição dos Evangelhos e à sua essência humana e social⁶⁸.

Faz-se importante citar os benfeitores, também religiosos, que juntamente com Monsenhor ajudaram nesta obra tão importante que é a Milícia de Cristo.



O fundador do Instituto Milícia de Cristo, Monsenhor Alonso Benício Leite.



A Co-Fundadora da Milícia de Cristo, Madre Maria do Sagrado Coração. A Madre foi quem colaborou profundamente com o ramo feminino da Milícia.

⁶⁸ MACEDO, Dimas. **Milícia de Cristo em Quitaius.** < <http://cafedenoticia.blogspot.com/2011/04/milicia-de-cristo-em-quitaius.html> > acesso em 29 de fev. de 2012.



O Co-Fundador, Padre José Ayrola Barcellos, título concedido por todos os milicianos no jubileu de 60 anos do Instituto em Baixo Guandu. Padre Ayrola é o superior Geral da Milícia de Cristo.

Segundo o atual superior do Instituto Milícia de Cristo, Pe. José Ayrola Barcellos:

a palavra Milícia está muito difundida nos nossos dias de modo muito pejorativo, mas a que aqui falo é diferente; ao invés de levar facções ou divisões como as do Rio de Janeiro, prima pela unidade, tendo como carisma a Acolhida. *‘É uma obra necessária da Igreja’*. São padres, irmãos, irmãs que procuram viver o amor e a caridade, que é a motriz de toda nossa existência.

A Milícia de Cristo tanto masculina como feminina, de um modo geral, se encontra na Arquidiocese de Vitória, nas dioceses Colatina e Cachoeiro do Itapemirim- ES; na diocese de Eunápolis, Diocese de Teófilo Otoni- MG, na Diocese de Ipameri-GO e na Diocese de Beja- Portugal.

Muito embora Monsenhor, como alguns fundadores de grandes Ordens e Congregações, tenha inspirado a Milícia de Cristo, na verdade, o Cônego José Ayrola Barcellos foi quem a configurou, colocando-a de acordo com os cânones da Igreja, com as aprovações eclesiásticas precisas, no ramo masculino. Sem sombras de dúvidas, o sucessor de Monsenhor é um grande lutador que leva a sério este projeto de Deus, começado na Arquidiocese de Vitória, com o incentivo dos senhores arcebispos Dom Silvestre e Dom LuisMancilha Vilela, atual metropolita⁶⁹.

Segundo os princípios do Instituto o carisma da Milícia de Cristo é o acolhimento, inspirado-se em Mt 11,28 (“Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei”), o miliciano de Cristo deverá estar num constante crescer na espiritualidade da unidade: “Que todos sejam um (Jo 17,21)”, vivendo intensamente o amor e a caridade para experimentar a presença de Deus em sua vida transformando o seu coração semelhante ao de Jesus: manso e humilde.

⁶⁹BARCELLOS, José Ayrola. **Milícia de Cristo**. Vitória: 2012. Disponível em <http://www.miliciadecristo.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5&Itemid=2>, acesso em 29 de fev. de 2012.

Essa comunidade religiosa “aspira ser dentro da Igreja uma Sociedade de Vida Apostólica, cujos membros procuravam viver o ideal deixado por Monsenhor Alonso Benício Leite”⁷⁰. Desse modo, estarão vivendo com fidelidade e radicalidade os passos do Fundador e atualizando, mediante o testemunho dos religiosos e as ações e pela força da unidade, o seu carisma.

A Milícia de Cristo tem um Patrimônio Espiritual que eles consideram rico. Como principal Padroeiro e modelo, o Sagrado Coração de Jesus: Fonte de todo bem e toda a graça. O Miliciano “seguirá os exemplos da Virgem Maria, sob a invocação de ‘Mãe de Deus’ de São José e de Santa Teresinha do Menino Jesus”⁷¹.

Este patrimônio, longe de ser uma forma alienante de devocionismo, leva o miliciano, pela força da radicalidade evangélica na história de Monsenhor Alonso, obrigando-os a atuar prioritariamente junto aos preferidos de Deus. A eles, o esforço e o sentido das obras se devem passar longe de meios assistencialistas e obsoletos, mas, sobretudo, por meio de ações, quer em paróquias, trabalhos com crianças, acolhendo os sofridos e excluídos, com as vocações os centros de espiritualidade, na atitude fraterna com os padres diocesanos em suas férias ou em suas necessidades⁷², devem, segundo o Instituto, manifestar o desejo de proteger a dignidade do ser humano e de ajudá-lo a chegar à estatura desejável pelo Criador para suas criaturas. Nós devemos ser, com toda a Igreja - Comunhão, sinais pulsantes de que o Reino não é uma mera utopia ou uma instigante ideologia; é antes, uma prática de vida externada em todas as esferas de nossas existência. Quem nos ver tem por direito de ver brilhar em nós a Luz de Cristo (Mt 5,13-16) e que esta Luz transluzida em nossas ações e feições devem ser um hino de glorificação à Trindade Santíssima, Comunidade Perfeita, iluminada e iluminadora; e claro que a melhor maneira de glorificar a Trindade é acolher aqueles e aquelas que o Deus Trino amou e criou. Isso é viver o Carisma

Em um Instituto com o Carisma do acolhimento, com certeza, a vivência deste carisma deve passar pela paciência de ver o crescer do outro a partir de um sério acompanhamento, senão não seria nem carisma e nem acolhimento.

⁷⁰CONSTITUIÇÕES DA MILÍCIA DE CRISTO. **Vitória: Milícia de Cristo**. Cap. I, n 7, 1994.

⁷¹CONSTITUIÇÕES DA MILÍCIA DE CRISTO. **Vitória: Milícia de Cristo**. Cap. 4.

⁷²Anexo LIII.

O Miliciano de Cristo deverá ter sempre presente, em relação ao outro a parábola da figueira: cavar, adubar, esperar...(Lc 13,6-8). Isto exige o cultivo da virtude da paciência⁷³.

Enfim, em qualquer uma das obras o que deverá reger a vida milicianiana é o lema que ecoa no coração dos religiosos como uma ordem a soldados que prontamente devemos obedecer: “onde há amor e caridade, Deus aí está”. É sim uma salutar herança a que Monsenhor nos deixou e cabe-nos, seus herdeiros e herdeiras, preservá-la e fazê-la dar frutos cem por um (Mt 13,4-8).

Assim o Instituto que já completa seus 65 anos tem como preocupação a acolhida. Hoje a Instituição está presente em vários Estados do Brasil e de Portugal. A característica das casas religiosas é promover e incutir nas pessoas a importância da acolhida enquanto importante carisma. Acolher o diferente é um ato contínuo desses religiosos.

Eis como afirma a missão da Milícia de Cristo o atual Superior Geral Pe. José Ayrola Barcellos:⁷⁴

‘Onde houver um irmão a sofrer, que ali esteja o miliciano e a milicianiana’, este foi o grande impulso que fez com que monsenhor Alonso juntamente com Madre Maria do Sagrado acreditassem nesse sonho que continua. São obras sociais de apoio ao menor, a jovens infratores (em desacordo com a lei), inserção cultural, resgate da dignidade. São trabalhos de evangelização que têm como carisma maior a acolhida.

(...)é uma grande aventura de fé, ou ainda, tem como o carisma o acolhimento que significa, realmente, abrir-se ao outro e não apenas abrir a porta, que é uma atitude mais fácil de se fazer. É entender que o outro é um mistério que precisa ser compreendido e amado. Acolher é escancarar as portas do coração”.

Hoje a Milícia caminha na Igreja, ainda com suas dificuldades, sobretudo no âmbito estrutural, mas procurará neste ano jubilar, orientada pelos superiores Cônego José Ayrola e Madre Neli, um aprofundamento da espiritualidade, um pensar-se para servir melhor.

Somos a Milícia de Cristo, um exército de Deus para defender a vida e levar o amor e a caridade. Atentos aos ensinamentos de Cristo e às vivências de Monsenhor Alonso, somos amparados por São José, Santa Terezinha do menino Jesus e Maria Mãe de Deus, tendo como Patrono maior o Sagrado Coração de Jesus.

Assim, além de ser Pároco da Igreja Matriz da cidade de Baixo Guandu, Monsenhor

⁷³Anexo LIV.

⁷⁴BARCELLOS, José Ayrola, **Milícia de Cristo**. Vitória: 2012. Disponível em <http://www.miliciadecristo.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5&Itemid=2>, acesso em 29 de fev. de 2012.

funda um Instituto com ramos masculino e feminino. Como se notou acima o carisma deste Instituto é a acolhida. O exército descrito pelo atual superior Pe. Ayrola, vai se somar, de algum modo , aos educadores de nosso Estado que acreditam em um Ensino Religioso que humanize, que seja uma epistemologia dentro do espaço escolar. E neste dois capítulos vamos observando um caminhar para isso, ainda que boa parte das citações estejam se esbarrando com o catolicismo, tão somente ,e às práticas sacerdotais de Monsenhor Alonso .

3. O PRECURSOR DO ENSINO RELIGIOSO NA SINGELEZA DE UMA ATITUDE

Seria muito polêmico – e, até de certo ponto, uma ignorância – dizer que o Ensino Religioso existe graças a Monsenhor Alonso. Não é esta a intenção aqui neste capítulo e tampouco desta dissertação. Como mostrado nos capítulos anteriores, sua vida demonstra que, sendo cristão, Monsenhor fora sensível ao ser humano, além de ter sido muito ecumênico. Vejamos alguns temas por Monsenhor pensados e vamos conhecê-lo melhor a partir do próprio pensamento dele. Lendo-os, pode-se perceber a relação que Monsenhor percebia entre Educação e “autonomização” do sujeito, acolhimento do outro, sensibilidade em face dos desafios da vida e, particularmente, dos jovens. Guardadas as devidas proporções, pode-se, em termos pedagógicos, comparar o pensamento de Monsenhor Alonso ao de Paulo Freire. Eis, portanto, alguns extratos de seu pensamento e, a seguir, a relação que guardam com a *Pedagogia da Autonomia*, de do educador citado.

Falando sobre religião, uma religião que acolhe:

É preciso determinar mais, entender que a religião está não só dentro de nós, mas também na acolhida e na prática do bem para si e para o outro. Viver segundo os ensinamentos de Cristo é manifestar a verdadeira essência dessa religião que se encontra dentro de nós mesmos. (...) É nesse propósito que a religião deve inserir seu papel, o papel de agente transformador, de renovação íntima de seus seguidores, não de forma a persuadi-los segundo os interesses, mas de forma a leva-los a uma reflexão sobre seu papel com o outro⁷⁵.

Falando sobre as crianças e o processo educacional:

No processo de educação dos filhos, os pais precisam se conscientizar de que impor limite não significa agir com repressão; significa muito mais balizar e conduzir a um amadurecimento centrado, saudável e gradativo na formação de sua personalidade. Educar não é sempre dizer sim; educar é muitas vezes saber dizer não⁷⁶.

Falando sobre o jovem, que precisa ser feliz:

⁷⁵ SOBRINHO, Sebastião H. **Padre Alonso lição de vida**, p. 85.

⁷⁶ SOBRINHO, Sebastião H. **Padre Alonso lição de vida**, p. 87-88.

A felicidade de um jovem não é algo que se entende com muita tranquilidade por ser essa uma fase muito complicada de nossas vidas. Nossos pensamentos muitas vezes se processam de forma involuntária: concordamos e discordamos de tudo e de todos sem motivos ou causas aparentes. Estamos em crise! Não sabemos quem somos, o que queremos! Mas a verdade é que despertamos e somos despertados pelas paixões que a fantasia da fase nos permite. Buscamos muitas referências, porque precisamos de modelos para seguir. Mas também somos cheios de vontade, queremos conquistar tudo e todos; queremos conquistar o mundo e não queremos ser impedidos de nada. (...) Enfim, que se mantenham sempre ocupados e que tenham sempre um ideal positivo, porque um jovem sem ideais vive uma vida sem significado nenhum⁷⁷.

Falando sobre a morte e o homem como ser histórico:

O homem é um ser complexo que constrói sua história e registra uma consciência cultural, buscando através da ciência desvendar o que está à margem de seu controle, mas quando o fenômeno da morte se manifesta em seu processo existencial prefere não querer refletir sobre isso. A explicação para esse comportamento pode ser justificada pelo fato de que o homem não consegue estudar certos fenômenos e por isso sente-se impotente na tentativa de entendê-los e desvendá-los. No caso da morte, vive um pânico da ideia do fim de tudo que ele construiu durante a vida. Pelo menos é o que se pode apurar de uma concepção materialista da vida, quando acabamos dando à morte o sentido do “fim”. Por isso nos tornamos incapazes de encerrá-la como algo normal e como um novo começo, uma nova vida⁷⁸.

Ao pensar a Educação, Paulo Freire fala da necessidade da “corporeificação das palavras pelo exemplo”⁷⁹. Essa corporeificação das palavras se adequa aos exemplos e práticas de Monsenhor Alonso. Freire define tal prática testemunhal: “não há pensar certo fora de uma prática testemunhal que o re-diz em lugar de desdizê-lo. Não é possível ao professor pensar que pensa certo, mas ao mesmo tempo perguntar ao aluno ‘sabe com quem está falando?’”⁸⁰.

Quanto à ideia de “aceitar o diferente”, preconizada pelo carisma da acolhida do Instituto Milícia de Cristo, fundado por Monsenhor Alonso, Paulo Freire se manifesta em termos da aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, algo que Monsenhor soube vivenciar de maneira intensa:

A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano que nega radicalmente a democracia. Quão

⁷⁷ SOBRINHO, Sebastião H. **Padre Alonso: lição de vida**, p. 95 e 97.

⁷⁸ SOBRINHO, Sebastião H. **Padre Alonso: lição de vida**, p.115.

⁷⁹ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**, p. 19.

⁸⁰ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**, p. 19.

longe do ser humano nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros, porque, certamente, negros, não têm alma. Negros não rezam. Com sua negritude, os negros sujam a branquitude das orações (...)⁸¹.

O contato com a Dra. Ruth de Albuquerque Tavares, hoje mulher-símbolo da luta em favor do Ensino Religioso no Estado do Espírito Santo e membro, quase cativa, do CONERES, é que vai demonstrar a abertura de Monsenhor teve para com as demais religiões, fato é que a esposa de um pastor presbiteriano quis assumir a bandeira do Ensino Religioso como a mesma relata no item 3.4 desta dissertação.

Como os demais saberes, este demanda do educador um exercício permanente. É a convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando. Pressupõe romper com concepções e práticas que negam a compreensão da educação como uma situação gnoseológica. A competência técnico-científica e o rigor de que o professor não deve abrir mão do desenvolvimento do seu trabalho, não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas. Essa postura ajuda a construir o ambiente favorável à produção do conhecimento onde o medo do professor e o mito que se cria em torno da sua pessoa vão sendo desvalados. É preciso aprender a ser coerente. De nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável a mudanças⁸².

3.1 MONSENHOR ALONSO ACOLHENDO O DIFERENTE: SENSÍVEL AO ECUMENISMO JÁ EM 1956

Seria muito bom ouvir do mesmo Monsenhor o que motivou a fazer com que isso fosse uma realidade, e o porquê de ter sido tão audacioso num período em que isso não era muito fácil, pois falamos da década de 50 e 60. O Catolicismo imperava no Brasil, mas o mais importante para Monsenhor não era a Instituição, mas a felicidade do ser humano, por isso acolher a todos era seu ideal de vida, o que hoje é resguardado no Instituto por ele fundado.

A senhora Ruth de Albuquerque Tavares, membro atual do CONERES, é quem melhor

⁸¹ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**, p. 20.

⁸² FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**, p. 4.

pode dizer acerca dessa experiência, que fora estopim de toda uma luta em prol do atual Ensino Religioso. Assim ela disserta sobre Monsenhor Alonso:

Posso falar do Padre Alonso porque era um grande amigo meu e do meu marido, que era pastor presbiteriano na cidade, Eliézer Tavares de Jesus. Sempre lutador pelas causas dos pobres. Incansável, não separava o homem do padre, que lutava para que todos tivessem onde morar, se abrigar e estudar. Não era homem que vivesse só para si. Era capaz de distribuir com o pobre o pão de cada dia⁸³.

Diz ainda mais:

Parti para iniciar esse trabalho. Convidamos os pastores para uma reunião, e estiveram presentes o Deputado (Dr. Carlyle) e o padre Alonso. Alguns pastores gostaram do modo de trabalhar, foram vários dias de reuniões e no fim de semana estávamos com uma programação de Ensino Religioso excelente. Agregamos tudo que nos unia como cristãos e deixamos de lado tudo o que pudesse nos levar à desunião. Foi um excelente trabalho; conseguimos mudar aquela situação anterior. Padre Alonso me agradeceu e pediu-me que fizesse a mesma coisa com as escolas do interior e da Prefeitura, pois fui colocada como Delegada de Ensino, além de acumular a direção do Grupo Escolar.⁸⁴

Um dos fatos ocorreu no seguinte contexto: havia um vereador que era de uma das Igrejas Protestantes da cidade e esse vereador conseguiu aprovar uma verba para o orfanato. O padre Alonso ficou muito contente e foi agradecer-lhe pessoalmente. Para a surpresa, o vereador disse-lhe: “Padre, por ter conseguido aprovar a verba para o seu orfanato, o meu pastor reuniu a igreja e conseguiu me excluir da igreja. A Igreja toda ficou do lado do pastor, mas outros deram apoio ao vereador”⁸⁵.

Com isso, Padre Alonso foi para o alto falante da Igreja, que ficava ligado o dia todo. Era bem o seu estilo. Foi ao alto falante e colocou a situação que aquele vereador estava passando por ter ajudado a Igreja Católica com a verba para aquela entidade. Diga-se de

⁸³ Anexo I e XXXVI.

⁸⁴ Anexo I.

⁸⁵ Cf. Anexo II.

passagem que havia crianças até das Igrejas Evangélicas da cidade, tato no orfanato como no colégio.

E ele não deixava por menores e disse: às vezes, não entendo os Evangélicos, isto é, a Igreja do vereador fulano, deixou de mencionar a Igreja por uma questão de ética, conto o fato dele ter o Espírito de Cristo, Jesus nunca teve preconceito contra ninguém. Jesus conversou com a mulher samaritana, esteve em casa de Zaqueu e tantos outros textos da Palavra de Deus que confirmam isto’.

E ainda disse padre Alonso: ‘ É tão difícil a gente conseguir que uma pessoa fique na Igreja e quanto está, coloca-se para fora sem se importar se está ferindo ou não.

O terceiro fato era que Igreja Presbiteriana ficava num local privilegiado, devido a sua situação geográfica, mas era uma casa bem simples, pois os membros daquela comunidade eram bem pobres, não havia recursos para melhorar a aparência da Igreja.

Um dia Padre Alonso foi ao alto-falante e disse:

Povo de Baixo Guandu, todos nós estamos vendo o trabalho do Pastor Eliézer junto à comunidade. A Igreja é pobre, não tem recursos e a cidade está crescendo e requer construções melhores e mais bonitas para melhorar o aspecto da cidade. A Igreja Presbiteriana está num local excelente, mas não pode continuar como está. É necessário que haja de todos, para que nossa cidade se transforme numa Cida bonita, então está na hora de todos ajudarem a essa comunidade.⁸⁶

Faço um apelo ao pastor Eliézer que comece a pensar em construir um belo templo para melhorar a aparência da nossa cidade. Pode contar conosco, pastor, e creio que o povo não vai faltar com a ajuda à sua Igreja.

É interessante observar que não houve nenhum pedido de meu marido ao padre Alonso, ele fez espontaneamente.

No dia seguinte, recebemos a visita do gerente colocando o banco à disposição da Igreja

⁸⁶ Anexo XXXVI.

para empréstimo com juros bem baixos. As pessoas começaram a nos procurar para ajudar. Uns davam tijolos, outros cimento, outros davam portas, janelas; diante disto, o pastor Eliézer fez o projeto e, com ajuda de todos, conseguiu erguer um bonito templo. Padre Alonso era controvertido, mas era uma excelente pessoa e um grande cristão. Não era um padre que só pensava na religião; pelo contrário, para ele, a religião deveria estar a serviço do homem. Foi um grande defensor da dignidade humana. Não vivia para si e, sim, para o outro, principalmente os mais necessitados. Seu carisma era realmente o acolhimento.

3.2 MONSENHOR ALONSO: EDUCADOR

Como defensor da educação, queria ver uma sociedade mais bem instruída. A afinidade com pessoas do serviço público o colocou em posição de buscar melhores condições de ensino para o Município. Começou em 1950, fundando a Escola Paroquial, que dava condições para o ensino primário e para a admissão ao ginásio.

Freire fala sobre Educação Popular. A fundação de Monsenhor Alonso entra neste seara pensada por Freire, que assim define a mesma:

Não vejo como a educação popular, não importa onde e quando, pudesse ter prescindido ou possa prescindir do esforço crítico a envolver educadores e educadoras, de um lado, e educandos, de outra, na busca da razão de ser dos fatos. Em outras palavras, centrando-se a educação popular na produção cooperativa, na atividade sindical, na mobilização da comunidade para assunção por ela da educação de seus filhos e filhas através das escolas comunitárias, sem que isto deva significar um estímulo ao Estado para que não cumpra um dos seus deveres, o de oferecer educação ao povo, que se junte a defesa da saúde, na alfabetização e na pós-alfabetização, qualquer que seja a hipótese, não é possível descartar o processo gnosiológico⁸⁷ ..

⁸⁷FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**, p.18.

Dois anos depois ampliou essa escola, criando o Ginásio Brasil como já fora mencionado no segundo capítulo, no dia 14 de outubro de 1952, com capacidade para mil alunos. Hoje o Ginásio Brasil atende ao ensino nos níveis fundamental e médio. Graças a seu apoio, muitas outras escolas foram fundadas no interior do município, como em Ibituba, Km 14, Mutum Preto, Bananal e outros.

Monsenhor também foi diretor do Ginásio Brasil, conforme anexo em que ele assina diploma de uma aluna⁸⁸. Sua vontade de levar o conhecimento aos jovens também o levou para a sala de aula nessa escola. Além das responsabilidades de pároco da comunidade, assumiu as responsabilidades de diretor e de professor no ginásio que fundou.

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, "desarmada", indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. Este não é o saber que a rigorosidade do pensar certo procura. Por isso, é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador.⁸⁹

O antigo Jardim da Infância Pio VII também foi fundado por ele (hoje já não existe mais). Na época em que estava em atividade, às irmãs milicianas atuaram na educação pré-escolar de muitas crianças do município.

A escola primária que está acoplada ao Ginásio Brasil foi cedida ao Estado, passando a se de dependência administrativa estadual. O ginásio ainda continuou na dependência de particulares, ficando a sua conservação e permanência na responsabilidade comunitária.

Um dos filhos dessa fundação educacional. Etelvino de Souza, ex- aluno do Ginásio Brasil, prestou uma expressiva homenagem a padre Alonso, por ter fundado a escola que formou grandes profissionais em contabilidade e em magistério, retratando-o em

⁸⁸ Anexo VIII.

⁸⁹ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**, p. 22.

tela – uma expressiva e bela imagem.

Filogônio, pintor conhecido no Espírito Santo, também expressou com sua arte os traços faciais de padre Alonso, tendo também retratado diversos pontos paisagísticos da cidade de Baixo Guandu.

Desde o início de sua vida sacerdotal, padre Alonso dedicou-se à causa da infância carente. O carinho, o respeito, a consideração e o amor foram as formas de as crianças retribuírem o que ele fez por elas.

O nome Lar Santa Terezinha é uma homenagem à santa que padre Alonso depositava grande devoção e fé. O patronato recebeu o nome de um grande amigo e mestre conforme ele mesmo considerou: Patronato Monsenhor Luiz Cláudio.

No ano de 1956, padre Alonso trouxe para Baixo Guandu o movimento católico denominado Círculo Operário, que tinha como objetivo dar assistência espiritual e social aos operários. Nessa época não existiam os sindicatos.

Para a fundação do Círculo Operário, padre Alonso contou com a colaboração do Sr. Chiquito Ramaldes.

Sua preocupação com o idoso o levou, juntamente com o Dr. Crlyle Passos, a participar efetivamente da fundação do Asilo Ângelo Passos, inaugurado em 12 de junho de 1957.

Muitas outras obras foram deixadas por padre Alonso, que se empenhou ao efetivo progresso de Baixo Guandu. Ele sempre estava pensando em novos projetos de melhorias sociais para o município.

Fazia parte dos seus ideais fundar uma emissora de rádio para difusão das atividades católicas e culturais para as comunidades; um jornal de circulação local, que permitisse a informação periódica dos principais fatos ocorridos no município; uma escola profissionalizante e uma faculdade de filosofia.

Infelizmente, não teve recursos nem tempo para viabilizar esses empreendimentos, mas valeu a perspectiva gerada por sua preocupação. Espera-se que esses projetos sejam retomados por outros líderes sociais no alcance do progresso do qual padre Alonso foi militante incansável.

Inúmeros foram os trabalhos desenvolvidos com o objetivo de ajudar as pessoas foram os trabalhos desenvolvidos com o objetivos de ajudar as pessoas, além dos citados muitos outros em termos de inter-relacionamentos, tornaram padre Alonso conhecido além dos limites dos territórios municipal e estadual. Constantemente, no período de sua recuperação, ele era visitado por pessoas de representatividades político-social e religiosa que lhe tinha profundo respeito e admiração.

3.3 MORTE DE MONSENHOR ALONSO

Por fim, como um fechamento de um ciclo e endossando a biografia começada no primeiro capítulo saibamos a “causa mortis” de Monsenhor Alonso.

Monsenhor sofria de problemas renais e no dia 26 de setembro de 1991 faleceu e fora sepultado dentro da Igreja Matriz em Baixo Guandu⁹⁰.

A frente da matriz uma imensa praça, redil capaz de conter o rebanho reunido ou serve simplesmente para algum lazer. Finalmente, visitei a capela, ao lado da Igreja, que fiquei sabendo ter sido a primeira, onde sua primeiras missas foram celebradas. Ali o corpo cansado do envelhecido pastor, por vontade unânime do povo, baixou na expectativa do dia da ressurreição final. A cama simples, sequer está revestida, não contem nenhum inscrição. Para que? Há muitas flores por toda parte e os fieis após o culto, na Matriz, ali se dirigem para ainda uma outra oração. Na parede, um retrato corpo inteiro, retrata muito consciente, outro Cristo. Em sua batina, jamais abandonada, tem na face impressa as marcas do tempo, mas principalmente, açotada pelos males físicos que seus misteres pastorais não faziam sobrar tempo para combate eficaz.⁹¹.

⁹⁰ SOBRINHO, Sebastião H. **Padre Alonso lição de vida**, p.122.

⁹¹ DAHER, Marlusse Pestana. **Alonso, um pastor**. Entrevista concedida a Carlos Alexandre Rubim em janeiro de 2012, Vitória/ES. Anexo XXVIII.

Para o sepultamento se realizar dentro da Igreja, Matriz de São Pedro, foi necessária uma decisão judicial expedida pelo juiz de direito Dr. Antônio Leopoldo Teixeira, que foi atento ao apelo do povo de Baixo Guandu e em sua decisão o magistrado assim se expressa:

Um fato novo, inédito nesta Comarca, mas louvável, tendo em vista sua magnífica finalidade, uma que que o saudoso Monsenhor Alonso Benício Leite, porque não dizer, ‘ é a própria história deste querido município’. Aqui ele plantou e colheu, amou e foi amado, sendo testemunho vivo do verdadeiro evangelho, **cumpridor do amor** (grifo nosso) determinado pelo Nosso Senhor Jesus Cristo, perante seu próximo. Mostrou e deixou exemplos de sabedoria e justiça,, dedicando toda uma vida, em favor de seu rebanho, qual pastor cuida de sua ovelhas. Morre o corpo, o pó volta à terra, mas vivo, por certo permanecerá na face da terra, cujas marcas e rastros jamais se apagarão. (...) Não vejo nenhum óbice.⁹².

3.4 O CONSELHO DO ENSINO RELIGIOSO DO ESPÍRITO SANTO (CONERES)

Este subitem tem um papel importante para o leitor entender a trajetória do Ensino Religioso. Dra. Ruth foi a primeira presidente do CONERES, pois segurava em seu peito a bandeira do Ensino Religioso, sobretudo no Estado do Espírito Santo. Hoje o Conselho tem respeito estadual, sendo inclusive posto como pré-requisito em concursos públicos, ou seja, os cursos de pós-graduação ou extensão na área da ciência da religião ou Ensino Religioso passa pela aprovação do Conselho.

O § 1º da Lei 9475 diz: “Os sistemas de Ensino ouvirão entidade civil constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos no Ensino Religioso”. Assim, no Estado do Espírito Santo, foi constituído o CONERES, como entidade civil representativa para o Ensino Religioso, através do Decreto nº 1735-R de 26 de setembro de 2006, sancionado pelo governador Paulo Hartung.

Conforme o artigo 2º deste decreto, o CONERES se ocupa com atividades de elaboração de programas curriculares e de credenciamento de professores para o Ensino Religioso, de caráter inter-confessional, no Ensino Fundamental das escolas públicas

⁹² Anexo XXIX.

estaduais do Espírito Santo.

A Constituição Federal, no seu artigo 210, que trata da Educação Nacional, informa os conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.

Nesse sentido, assim se manifesta o CONERES ao falar de sua missão:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394 de 20/12/1996) apresenta os princípios e fins da educação no Brasil, de acordo com o artigo 2º, nestes termos: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Ao tratar do Ensino Fundamental, a LDB afirma que a formação básica do cidadão se dá mediante o desenvolvimento da capacidade de aprender a ler, escrever e calcular; da compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade: da aquisição de conhecimentos e habilidades, da formação de atitudes e valores que fortaleçam os vínculos familiares, os laços de solidariedade humana e de tolerância em que se assenta a vida social. É nessa perspectiva da formação plena do cidadão, no contexto de uma sociedade cultural e religiosamente plural, na qual todas as crenças e expressões religiosas devem ser respeitadas, que se insere o Ensino Religioso como disciplina curricular, conforme a atual legislação: “O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas do Ensino Fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo”. O Ensino Religioso, constituído como disciplina curricular e área do conhecimento, através de conteúdos próprios e metodologia adequada, visa proporcionar ao educando o conhecimento dos elementos básicos que compõem o fenômeno religioso, as experiências e expressões da religiosidade humana em busca do sentido da vida – constituem um patrimônio cultural da humanidade – ajudando o educando a compreender o mundo e o outro, para melhor compreender a si mesmo, favorecendo o seu posicionamento ético, respeitoso e responsável diante da vida.⁹³

A Resolução do CEE/ES nº 1.900/2009, dispõe sobre a oferta da disciplina do Ensino Religioso no Ensino Fundamental das escolas públicas do Estado do Espírito Santo. Tal decreto afirma, no § 2º do artigo 8º, que cabe à instituição civil – CONERES – avaliar os cursos de formação para professores.

É importante considerar que o Conselho não oferece formação, mas referenda cursos

⁹³ SENA, Luzia. **O que é o ensino religioso no contexto escolar?** Disponível em 08 de outubro de 2012 em <<http://www.gper.com.br/?sec=art13>>.

para tal finalidade, se os mesmos estiverem de acordo com a legislação vigente. É nesse sentido que o CONERES informa aos professores e à comunidade sobre sua missão de zelar pela disciplina do Ensino Religioso e referendar cursos no âmbito estadual.

Infelizmente, muitas instituições que ofertam cursos com ênfase na docência do Ensino Religioso não têm procurado o CONERES para regularizar o oferecimento do seu curso, atendendo ao que diz a Resolução Estadual, conforme o § 2º do artigo 8º.

É importante que os interessados na formação do Ensino Religioso sejam criteriosos quanto aos cursos, pedindo informação do CONERES sobre a instituição escolhida, informando-se sobre o Referendo do Conselho ao curso, para evitar transtornos posteriormente.

O CONERES necessita tanto da compreensão como da ajuda de todos para garantir uma boa formação ao professor que atua nessa disciplina, como também para zelar para que o estudante receba essa formação conforme preconiza a legislação do Ensino Religioso em nosso país e em nosso Estado.

O CONERES é formado por elementos das várias religiões, que pedem sua filiação. São filiadas ao CONERES as igrejas: Católica Apostólica Romana, Luterana (IECLB), Metodista, Presbiteriana Unida Episcopal, Batista, Luterana (IELB) e os movimentos afro-brasileiros e espíritas. O CONERES tem sua sede no Instituto Martim Lutero, pois como entidade civil, não poderia funcionar em dependências do Estado, “sendo oferecida pela Igreja Luterana uma sala sem nenhum pagamento para a entidade”⁹⁴. Assim se expressou o CONERES por meio de sua presidente Irmã Rita Cola, representando o Conselho:

“No Ensino Religioso:

O sujeito é o Educando.
O objeto é o fenômeno religioso.
O objetivo é o conhecimento.

Esperamos, nós do CONERES, que o Sr. Arcebispo e Bispos, Pastores e

⁹⁴ Anexo L

Coordenadores das diferentes religiões, possam continuar a nos oferecer o auxílio que precisamos para continuar com esse trabalho que é importante para os nossos alunos, sendo crianças, adolescentes, bem como para as suas famílias, num mundo conturbado em que vivemos, possamos trabalhar a cidadania, os valores morais e éticos do ser humano com relação à sociedade, à família, à Igreja e ao indivíduo como tal”.⁹⁵

Convém lembrar que o Estado não é religioso. Porém, no seu papel de instituição laica, assegura os bens do povo, incluindo o substrato religioso de que este povo é portador. Assim, cabe à entidade civil zelar junto ao Estado, para que a lei seja cumprida, tendo como prioridade o estabelecimento de políticas públicas para a formação de professores, a fim de que, no seu direito de cidadão, todo educando tenha Ensino Religioso, que favoreça a sua personalização e a construção da cultura da solidariedade e paz.

⁹⁵ Anexo L

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em algumas poucas páginas tive por intento fazer-se conhecido Monsenhor Alonso Benício Leite, padre que atuou por muitos anos na cidade do noroeste capixaba que foi Baixo Guandu. Ele, enquanto fundador de meu Instituto Religioso, que ele criou, do qual sou membro, como Frei, foi sendo por mim ainda mais conhecido e minha admiração foi-se redobrando na medida em que ia encontrando documentos, ia entrevistando pessoas que o conhecerem em vida. Procurei não ser um hagiógrafo, tentei não confundir meu trabalho e por mais que tenha sido difícil primei pela objetividade e imparcialidade, mostrando seu papel de pioneirismo no Ensino Religioso por meio do viés do fenômeno religioso.

Enquanto fenômeno religioso foi importante notar que o Ensino Religioso precisa ser entendido como mais uma epistemologia de saber em nossas escolas. É uma disciplina assim como outra. A produção do conhecimento religioso a pessoas humanas, está sempre fazendo perguntas. A pergunta faz emergir perguntas antropológicas e existenciais quem sou eu? Para onde vou? De onde vim? Quando a pergunta recai sobre o mundo, a criatura procura compreender o seu mistério, sua origem e finalidade. Provoca-se assim novas situações. Fazer também emergir o desconhecido. O manifesto enquanto manifesto, já é conhecido e por isso não é mais provocador. O objeto manifesto guarda a outra face como desconhecida, mas sugerida. A disciplina de Ensino Religioso nas escolas do Ensino Básico pode provocar perguntas, “ espantos”, conhecimento cultural, a importância da diversidade, algo cada vez mais importante neste momento de nossa história.

Também foi importante durante as pesquisas visualizar que o Ensino Religioso está em uma nova fase nestes últimos 16 anos, desde que foi decretada a lei federal da LDBEN 9394 de 20 de dezembro de 1996. Ainda existem desafios para a disciplina, como a formação docente, tão carente em nosso país. Ainda não foi assimilado por algumas Unidades Federativas do Brasil a importância e o objetivo do Ensino Religioso e isso é um atraso para nossa educação. Já o Estado do Espírito Santo já tem um Currículo de Ensino Religioso, material produzido por diversos profissionais de modo democrático depois de intensas discussões, algo rico para o crescimento da disciplina. No entanto

nesta dissertação coube-me simplesmente mostrar o pioneirismo de Monsenhor Alonso e a influência que o mesmo teve sobre Dra. Ruth que em entrevista assim se expressou, e, fazendo dela minhas palavras termino afirmando ,como Dra. Ruth, que **Padre Alonso foi um pioneiro do Ensino Religioso no Estado do Espírito Santo :**

“ O padre Alonso exerceu uma grande influência na mudança do Ensino Religioso e me ajudou demais como Diretora de grupo escolar e como professora, pois o Padre Alonso como Padre e Político, ajudou a mudar a maneira de ensinar essa disciplina na escola, pois a disciplina de Ensino Religioso era dominadora e preconceituosa, passando a ser de respeito pelo outro, e de amor pelo diferente. Quanto a mim Irmã Rita e o Padre Alonso, sempre trabalhamos com o Ensino Religioso, de forma ecumênica, procurando ajudar as crianças a respeitar os direitos dos outros, levando os a entender que o Ensino Religioso é para ensinar o amor, o respeito às pessoas que pensam diferente de nós. Das discussões no CONERES, temos colhido vários frutos importantes para a solidificação do Ensino Religioso no Estado e no Brasil (sic) Quanto ao Pe Alonso, consideramos que ele realmente foi um pioneiro desse ensino, de maneira ecumênica e de diálogo inter-religioso”.⁹⁶

⁹⁶ Anexo XXXIII

REFERÊNCIAS

Colégio.Brasil.**Formatura2011**.<<http://casadoprofessorbg.blogspot.com/2010/12/formatura-proerd-dia-06-de-dezembro>> Acesso em 15 de outubro de 2012.

CONSTITUIÇÕES DA MILÍCIA DE CRISTO.**Vitória: Milícia de Cristo**,1994.

História da Paróquia. Baixo Guandu, 2012. Disponível em: <<http://www.rededesaopedro.com.br/a-paroquia/historia-da-paroquia.html>>, acesso em 29 de fev. de 2012.

FERREIRA, Marieta. **História Oral: tempo presente e história oral**, p. 8, disponível em <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Historia_tempopresenteehistoriaoral.pdf> acesso em 12 de abril de 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**.S/l: Ega,1996.

MACÊDO, Dimas. **A Milícia de Cristo em Quitaiús**. Disponível em: <<http://cafedenoticia.blogspot.com/2011/04/milicia-de-cristo-em-quitaius.html>>, acesso em 29 de fev. de 2012.

SANTANA, Maria R. **Monsenhor Alonso cidadão guaduense**. Baixo Guandu, 2003

SENA, LUZIA. **O que é o ensino religioso no contexto escolar?** Disponível em 08 de outubro de 2012 em <<http://www.gper.com.br/?sec=art13>>.

SOBRINHO, S. H. **Padre Alonso: lição de vida**. Vitória: Paulinas, 2005

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ANEXOS

ANEXO

I

Posso falar do padre Alonso porque era um grande amigo meu e do meu marido que era pastor presbiteriano na cidade, Eliézer Tavares de Jesus.

Sempre lutador pelas causas dos pobres. Incansável não separava o homem do padre, que lutava para que todos tivessem onde morar, se abrigar e estudar. Não era homem que vivesse só para si. Era capaz de distribuir com o pobre o pão de cada dia.

Chegamos para residir em Baixo Guandu onde meu marido iria pastorear a Igreja Presbiteriana no ano de 1956. Ao chegarmos, algumas pessoas da comunidade nos procuraram, levaram algumas coisas, como bolo, biscoitos, pois era um costume na cidade introduzido pelo Padre Alonso. Ele dizia que quem chega precisa ser acolhido.

Interessante é que algumas pessoas nos deixaram de sobreaviso, "cuidado com o padre, porque ele não gosta de protestante", entretanto não demos muito crédito e procuramos trabalhar na cidade, procurando o Ecumenismo, essa sempre foi a nossa posição. Depois de algum tempo, o padre Alonso foi para o alto-falante e disse "católicos, estamos com uma família na cidade, o pastor Eliézer, sua esposa e seus filhos. Estou gostando da maneira como ele tem tratado a questão religiosa, espero que os católicos dêem apoio à sua família."

Quero mencionar três fatos que ficaram registrados em minha memória e por que não em meu coração.

O primeiro fato foi que no ano seguinte chegando em Baixo Guandu, fiz concurso para o Estado e consegui uma cadeira no Grupo Escolar "Professor Nunes".

A situação da escola era muito séria, havia muita discórdia, muita briga por questões principalmente políticas, era o PSD e a UDN. Viviam em luta, a diretoria não estava agüentando a situação. Um dia o padre Alonso com o deputado Dr. Carlyle foram a minha casa, fiquei espantada, e pensei, o que estará acontecendo?! O que queriam o Deputado e o padre?!

Para surpresa minha foi feito um convite para que eu assumisse a direção do grupo escolar. Trabalhamos muito bem. Tanto o Deputado como o padre me deram todo apoio e pudemos desenvolver um trabalho muito bom, com auxílio de todos, inclusive dos professores, mas uma coisa estava criando uma situação de exclusão, era justamente o Ensino Religioso, que era confessional. Professores brigavam entre si, católicos e protestantes por questões religiosas, e que estava refletindo no comportamento das crianças, tornando o ambiente escolar desagradável e ele pegava o alto falante e colocava a situação para todo o mundo, com isso uns ficavam irritados e outros satisfeitos, por serem de campos opostos.

Para eu aceitar a direção, tive uma conversa séria com o Deputado e com o padre Alonso.

1 - Pedi a ele que deixasse de falar dos problemas do Grupo Escolar pelo alto-falante, porque isso criava mais problemas.

2 - expus sobre o Ensino religioso e como estava fazendo mal a toda comunidade. Ao invés de pregarmos o amor, a compreensão, o respeito pelo outro, estávamos cada vez mais longe do amor de Cristo, do perdão.

Então padre Alonso me perguntou: O que a senhora sugere? Retirar o ensino religioso? Respondi que não, mas que teríamos um meio de resolver a situação, que seria fazer o Ensino Religioso Ecumênico. Falamos sobre isso, e no final da conversa, ele disse: dou meu apoio em tudo o que a senhora fizer, pode começar logo.

Parti para iniciar esse trabalho. Convidamos os pastores para uma reunião, e estiveram presentes o Deputado e o padre Alonso. Alguns pastores gostaram do modo de trabalhar, outros pediram licença e se retiraram. Iniciamos os trabalhos, foram vários dias de reuniões e no fim de semana, estávamos com uma programação de Ensino Religioso excelente. Agregamos tudo que nos unia como cristãos, e deixamos de lado tudo o que pudesse nos levar à desunião. Foi um excelente trabalho; conseguimos mudar aquela situação anterior. Padre

ANEXO

II

Alonso me agradeceu e pediu-me que fizesse a mesma coisa com as escolas do interior e da Prefeitura, pois fui colocada como Delegada de Ensino, além de acumular a direção do Grupo Escolar.

O segundo fato ocorreu no seguinte contexto. Havia um vereador que era de uma das Igrejas Protestantes da cidade, esse vereador conseguiu aprovar uma verba para o orfanato. Padre Alonso ficou muito contente e foi agradecer-lhe pessoalmente. Para surpresa o vereador disse-lhe: "Padre por ter conseguido aprovar a verba para o seu orfanato, o meu pastor reuniu a igreja e conseguiu me excluir da Igreja." A Igreja toda ficou do lado do pastor, mas outros deram apoio ao vereador. Com isso padre Alonso foi para o alto-falante da igreja, que ficava ligado o dia todo. Era bem o seu estilo. Foi ao alto-falante e colocou a situação que aquele vereador estava passando por ter ajudado a Igreja Católica com a verba para aquela entidade. Diga-se de passagem que havia crianças até das Igrejas Evangélicas da cidade, tanto no orfanato como no colégio. E ele não deixava por menos e disse: "às vezes não entendo os Evangélicos, isto é a igreja do vereador fulano, deixo de mencionar a Igreja por uma questão de ética, conto o fato dele ter o Espírito de Cristo, Jesus nunca teve preconceito contra ninguém. Jesus conversou com a mulher samaritana, esteve em casa de Zaqueu e tantos outros textos da palavra de Deus que confirmam isto. E ainda disse padre Alonso: "É tão difícil a gente conseguir que uma pessoa fique na igreja e quando está, coloca-se para fora sem se importar se está ferindo ou não.

O terceiro fato era que a Igreja Presbiteriana ficava num local privilegiado, devido a sua situação geográfica, mas era uma casa bem simples, pois os membros daquela comunidade eram bem pobres, não havia recursos para melhorar a aparência da igreja.

Um dia padre Alonso foi ao alto-falante e disse: "Povo de Baixo Guandu todos nós estamos vendo o trabalho do pastor Eliézer junto à sua comunidade. A igreja é pobre, não tem recursos e a cidade está crescendo e requer construções melhores e mais bonitas para

melhorar o aspecto da cidade. A Igreja Presbiteriana está num local excelente, mas não pode continuar como está. É necessário que haja ajuda de todos, para que nossa cidade se transforme numa cidade bonita, então está na hora de todos ajudarem à essa comunidade. Faça um apelo ao pastor Eliézer que comece a pensar em construir um belo templo para melhorar a aparência da nossa cidade.

Pode contar conosco pastor, e creio que o povo não vai faltar com a ajuda à sua igreja"

É interessante observar que não houve nenhum pedido de meu marido ao padre Alonso, ele fez espontaneamente.

No dia seguinte, recebemos a visita do gerente colocando o banco à disposição da Igreja para empréstimo com juros bem baixos. As pessoas começaram a nos procurar para ajudarem. Uns davam tijolos, outros tintas, cimento, outros davam portas, janelas; diante disto, o pastor Eliézer fez um projeto e com a ajuda de todos, conseguiu erguer um bonito templo.

Padre Alonso era controvertido, mas era uma excelente pessoa, e um grande cristão. Não era um padre que só pensava na religião; pelo contrário, para ele a religião deveria estar a serviço do homem.

Foi um grande defensor da dignidade humana. Não vivia para si e sim para o outro, principalmente os mais necessitados. Seu carisma era realmente o acolhimento.

Ruth de Albuquerque Soares
Ruth de Albuquerque Soares
Presbiteriana da Laje
Presbiteriana Unida (P.U.)

ANEXO
III

MINISTÉRIO DA FAZENDA
SECRETARIA DA RECEITA FEDERAL DO BRASIL
DEPARTAMENTO DE REGISTRO DE VALORES E CONTRIBUIÇÕES FISCAIS - DRE

INSCRIÇÃO DO CADASTRO DE PESSOAS FÍSICAS

216 108 607 / 30

COMPLETO

ALONSO LEITE

18.02.15

Alonso Leite

VALIDADE BOMÉTI COM A ACRÉDITAMENTO DE REGISTRO DE VALORES

SECRETARIA DE RECEITA FEDERAL DO BRASIL

001/225-2

24/02/87

BANCO

755

Heron Henrique Elias
Matr. 4.178.680-7

REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

TÍTULO ELEITORAL

NOME DO ELEITOR

ALONSO LEITE

DATA DE NASCIMENTO 18/02/15 Nº DE INSCRIÇÃO 32941214/50 ZONA 007 SEÇÃO 6055

MUNICÍPIO DE BAIXO GUANDUPE DATA DE EMISSÃO 18/09/86

PRESIDENTE DO TITULO

Alonso Leite

REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

PORTUGALINHA

Alonso Leite

CÉDULA DE IDENTIDADE

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

DIRETOR DO INSTITUTO DE IDENTIFICAÇÃO

RG 372.110

NOME ALONSO LEITE

ASSINATURA *Alonso Leite*

FILIAÇÃO BRASILEIRO BRASILEIRO

ESTRUTURA LEITE

MATRÍCULA 1.75

DE CRIAÇÃO DO REGISTRO 02/18/02/1935

REGISTRO - MATRÍCULA DE LAVRAS CE

DATA 07.08.1974

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA - DEPT. DE POLÍCIA TÉCNICA

UA Laboratório Para de Análises Clínicas

EXAMES: | Coagul. - Serologia - Urina - Urina etc. |
| Bacteriologia - Parasitologia - Microbiologia |
| Imunologia - Serologia - Imunologia |

CORREIA C. DIAS R. 110

94 - Clube Atlético Mineiro

End.:
Cliente: Padre Alonso Benício Leite
CLASSIFICAÇÃO SANGUÍNEA "A"

Sistema ABO (Landsteiner) Positivo
Sistema RH: (C/ Soro Anti O 85%)



Mons. Alonso B. Leite

★ 15 DE FEVEREIRO DE 1915
† 26 DE SETEMBRO DE 1991

JUSTIÇA ELEITORAL

Nº DE INSCRIÇÃO 32941214/50

NOME DO ELEITOR ALONSO LEITE

90710 14 15/11/200

ANEXO
IV

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DIRETORIA DO ENSINO COMERCIAL

REGISTRO DE DIRETOR - N.º 533



ALONZO BENÍCIO LEITE

Rio, 13 de agosto de 1969

Alonzo Benício Leite
Diretor da D. E. C.

Processo n.º 10.854/68

Data da Investidura: 19 / 1 / 1966

Ressalva: Colégio Comercial - Engres
Baixo Guandu-ES.

M. P. Ribeiro
Chefe de S. P. D.

DEC-SPDA - Mod. 5 - 2.063 - 00x84 - 10/66 - D50

IHR INSTITUTO HILTON ROCHA



IDENTIFICAÇÃO

Reg. 33577

Nome ALONZO BENÍCIO LEITE

**ANEXO
V**

<p>ANOTAÇÃO MÉDICA DE INTERESSE DO BENEFICIÁRIO</p>
<p>ATENÇÃO</p> <p>• ESTA CARTEIRA É A SUA IDENTIDADE DE BENEFICIÁRIO - NÃO A ESTRABUE - SERÁ NECESSÁRIA QUANDO PRECISAR DE ASSISTÊNCIA AMBULATORIAL OU INTERNAÇÃO HOSPITALAR.</p> <p>• PROCURE SEMPRE QUE POSSÍVEL O MESMO LOCAL DE ATENDIMENTO.</p> <p>• MANTENHA ATUALIZADO O PRAZO DE VALIDADE DE SUA CARTEIRA.</p> <p>• A REVALIDAÇÃO SOMENTE SERÁ FEITA MEDIANTE DOCUMENTOS QUE COMPROVAM A MANUTENÇÃO DO SEU DIREITO A ASSISTÊNCIA MÉDICA.</p> <p>• VÁLIDA EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL.</p>
<p>MSA-53 IDENTIDADE DE BENEFICIÁRIO</p>

 <p>INAMPS CARTEIRA DE IDENTIDADE DE BENEFICIÁRIO</p>	
<p>— NOME — BENEFICIÁRIO —</p> <p>ALONSO LEITE</p>	
<p>DATA NASC.</p> <p>18/09/15</p>	<p>TIPO DE DEPENDÊNCIA</p> <p>DESIGNADO</p>
<p>— NOME — SEGURADO —</p> <p>ALZIRINA NERY GOBBO</p>	
<p>— IDENTIFICAÇÃO —</p> <p>NR= 32/20014617-1</p>	
<p>— PIS <input type="checkbox"/> / PASEP <input type="checkbox"/> —</p> <p>Nº APOSENTADO</p>	

ANEXO
VI

 <p>PODER JUDICIÁRIO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO Comarca de Baixo Guandu</p> <p><i>Diploma</i> <i>Colaborador Emérito da Justiça</i></p>	
<p>A _____ PE. ALONSO BENICIO LEITE</p>	
<p><i>foi conferido o diploma de Colaborador Emérito da Justiça,</i> <i>considerando a relevante ajuda em prol da construção da casa</i> <i>destinada à residência do Juiz de Direito da Comarca de Baixo Guandu.</i></p>	
<p><i>Baixo Guandu (ES), 31 de</i> AGOSTO <i>de 1986</i></p>	
<p>COMISSÃO:</p>	
<p> PRESIDENTE - Angelina Scardua e Silva</p>	<p> 1º SECRETÁRIO - José Vicente Pacheco</p>
<p> 2º SECRETÁRIO - Tereziânia Mateus A. Barbosa</p>	<p> TESOUREIRO - Emi Eller</p>
<p> JUIZ DE-DIREITO - Dr. Adelson Gomes Barbosa</p>	

ANEXO
VII



DIPLOMA

A Câmara Municipal de Baixo Guandu, Estado do Espírito Santo, conforme Decreto Legislativo n.º 02 de 23 / 06 / 87 confere ao

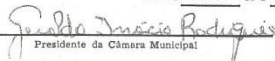
Sr. **REVERENDO MONS. ALONSO BENICIO LEITE** o presente Diploma de

Honra ao Mérito

por relevantes serviços prestado à comunidade.

Dado e passado no Gabinete do Presidente da Câmara Municipal de Baixo Guandu,

aos 28 de JUNHO de 19 91


Presidente da Câmara Municipal

Secretário da Câmara Municipal

ANEXO
VIII


PREFEITURA MUNICIPAL DE BAIXO GUANDU
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO


O PREFEITO MUNICIPAL DE BAIXO GUANDU, no ano do Cinquentenário da Emancipação Política do Município, e tendo em vista o que dispõe o Decreto n.º 1.110/85, de 03, de JUNHO de 1985, confere a PE. ALONSO LEITE - PÁROCO DA IGREJA CATÓLICA DE BAIXO GUANDU, a "Medalha do Cinquenta anos de Emancipação Política do Município de Baixo Guandu."

Baixo Guandu, 03 de julho de 1985.



José Francisco de Barros
Prefeito Municipal

ANEXO
IX



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Escola: Escola de 1ª e 2ª Graus Brasil

Reconhecido pela Resolução do CEE nº 44 de 03 de maio de 1961
(Ato que autorizou o Funcionamento)

D I P L O M A

Ó Diretor da Escola de 1ª e 2ª Graus Brasil, de acordo com o Art. 10 e Art. 6.º da Lei n.º 5602, de 11 de agosto de 1971, e com o disposto no Regimento Escolar, confere o TÍTULO de Professor de 1ª Grau (1ª a 4ª série) a Edilene Maria Thomazini Andreatta filha de Alvaro Thomazini e de Matalina Ratti Thomazini de nacionalidade brasileira natural de Itaquara, nascido a 22 de dezembro de 1961, por ter concluído o curso de Habilitação para o Exercício do Magistério no ano letivo de 1979. O presente diploma outorga os direitos e prerrogativas estabelecida nas leis do país.

L.S. Luís Eduardo 14 de setembro de 1981.

Diplomado [Assinatura] Diretor Marta Elber Freitas Secretário

ANEXO
X


Nome do portador <i>Rodriges Manoel Soares</i>	
Cidade <i>Paulista</i>	
Alfama <i>R. 15</i>	Cidade <i>Guararapes - Minas</i>
Coleção <i>Cart</i>	Boletim <i>10000</i>
Suares particulariza <i>mas tem</i>	
Estado de <i>Paulista</i>	
Profissão <i>Professor</i>	
Serviço Militar <i>32 bat 2º C. B.</i>	
Residência <i>Guararapes - Minas</i>	
Matrícula n.º _____ de Sindicato _____	
Ocupações apresentadas _____	
Observações _____	
Assinatura <i>Rodriges Manoel Soares</i>	
Data de emissão <i>2 de Janeiro de 1937</i>	
Assinatura do Diretor <i>Deliziana</i>	

MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO
DEPARTAMENTO NACIONAL DO TRABALHO
SERVIÇO DE IDENTIFICAÇÃO PROFISSIONAL


Carteira Profissional

Série *32*

Numero *36911*



Assinatura do portador *Rodriges Manoel Soares*



Assinatura do Diretor *Deliziana*

ANEXO
XI

ANEXO

XII

UM HOMEM DE DEUS, VOLTADO PARA OS POBRES

Era assim Mons. Alonso: verdadeiramente um homem de Deus, sempre voltado para os pobres. Conheci Pe. Alonso quando eu era ainda criança. Fui a Baixo Guandu passar uns dias de minhas férias escolares na casa de parentes que lá residiam. Logo me encantei pela figura extraordinária daquele padre de batina rota, venerado e respeitado por todos. Fiquei admirado ao vê-lo, de bicicleta, pelas ruas de Baixo Guandu. Ele tinha um espécie de "visgo sagrado" que atraía especialmente os jovens. À noite, depois da reza do terço na igreja matriz, eu ia para a casa paroquial, onde, com outras pessoas, ouvia Pe. Alonso, bebia de seus ensinamentos e desfrutava de sua amizade. Sempre tinha um agrado: um santinho, um pastel, um copo de guaraná... A cada pobre que se aproximava, não faltava um trocadinho tirado do bolso daquela batina surrada. Vem dessa época minha profunda admiração pelo Pe. Alonso que foi se desabrochando numa grande e sincera amizade.

Como seminarista, muitas vezes fui à Paróquia de Baixo Guandu, onde aprendi grandes lições com seu zeloso pastor. Como ele gostava dos seminaristas! Sabia incentivar a caminhada vocacional de cada um. Sempre tinha uma palavrinha. Às vezes muito curta, mas cheia de significado. Naquela época, os seminaristas capixabas estudavam no Seminário Maior de Belo Horizonte. Iamos de trem para a capital mineira. Que beleza quando passávamos em Baixo Guandu, retornando das férias, de volta para o Seminário. Lá na estação ferroviária estava o Pe. Alonso, acompanhado de grande comitiva, para nos fazer a entrega de um farto e substancioso lanche para a longa viagem. As coisas gostosas evaporavam, pois, generosamente nós as partilhávamos também com as demais pessoas que se encontravam no vagão. Era uma festa!

Como padre, no Presbitério da Arquidiocese de Vitória, pude sempre contar com a amizade e o apoio de Pe. Alonso, especialmente em minhas responsabilidades como Reitor do Seminário Nossa Senhora da Penha. Pe. Alonso demonstrava que me queria muito bem. O sentimento era recíproco. Muitas vezes fui por ele convidado para trabalhos pastorais na Paróquia de Baixo Guandu: Pregar na festa de São Pedro, realizar semana vocacional, dar cursos de formação para leigos. E como ele sabia valorizar a presença dos padres que visitavam a Paróquia de Baixo Guandu!

Como Bispo Auxiliar de Vitória e depois Bispo Diocesano de Colatina, dele sempre recebi as expressões de profundo respeito, embora me tivesse conhecido quando eu ainda era criança e, mais tarde, tivéssemos sido irmãos e companheiros no mesmo Presbitério. Sem dúvida alguma, essa postura foi sempre motivada por sua atitude de fé. Minha primeira visita a Baixo Guandu, após minha ordenação episcopal foi uma verdadeira festa. A recepção na entrada da cidade e o cortejo até à Igreja Matriz expressavam o sentimento que transbordava do coração de Pe. Alonso e contagiava a todos. Maior ainda foi a festa quando fiz a primeira visita àquela Paróquia após a instalação da Diocese de Colatina.

Mons. Alonso vibrou com a criação da Diocese de Colatina, em 1990. Disse-me que via seu sonho realizado e expressava sincera alegria pela minha nomeação para ser o primeiro Bispo da nova Diocese. Logo após minha chegada a Colatina, fui visitá-lo em Baixo Guandu, pois, sua saúde já se encontrava muito abalada.

ANEXO XIII

Com freqüência ele ia a Colatina para a hemodiálise. Enquanto ficava no hospital, seu motorista levava-me os agrados que ele me enviava. Oferecer presentes era uma maneira que tinha de demonstrar sua amizade.

Assim era Mons. Alonso: Bom pastor. Sacerdote zeloso. Homem humilde. Amigo sincero. Era inteligente e culto, mas escondia essa riqueza pessoal sob a capa da simplicidade. Voltado para os pobres; amigo das crianças; preocupado com os jovens; dedicado ao povo. Torcia como ninguém pelo progresso de Baixo Guandu.

Suas obras, voltadas especialmente para a educação e promoção dos pobres, perpetuam sua memória: para as meninas carentes, criou o Lar Santa Terezinha; para os meninos, o Patronato Mons. Luiz Cláudio; para a educação da juventude, o Ginásio Brasil; para a classe trabalhadora, o Círculo Operário. Para cuidar de suas obras e levar adiante seu projeto marcado pelo carisma do serviço aos pobres e educação da juventude, Mons. Alonso funda o Instituto da Milícia de Cristo.

Um dos últimos sonhos que partilhou comigo foi o imenso desejo de celebrar o Jubileu de Ouro de sua Ordenação Sacerdotal. Com grande sabedoria e misterioso pressentimento, antecipou para a festa de São Pedro a comemoração que deveria ser no dia 21 de dezembro de 1991. Apoiei inteiramente sua idéia. E foi bom, pois, no dia 26 de setembro daquele mesmo ano, o Senhor o chamou à sua presença. "Bem aventurados os que morrem no Senhor, descansarão de seus trabalhos porque suas obras o seguem" (cf. Ap 14,13).

No coração e na lembrança, guardo uma linda imagem de Mons. Alonso que sintetiza bem toda a sua vida: Era manhã de Quinta Feira Santa de 1991. Na Catedral de Colatina eu presidia pela primeira vez a Missa da bênção dos Santos Óleos. Os padres da Diocese se encontravam presentes. A Catedral estava repleta com as delegações de todas as Paróquias da Diocese. Do altar, vejo Mons. Alonso surgindo na porta principal. Alquebrado, mais pela doença do que pela idade, revestido de túnica branca, ele vai entrando lentamente pelo centro da Catedral, arrastando os pés sobre a passadeira vermelha. Que figura linda! Espontaneamente, alguém interrompendo a celebração entoou: "Sou bom pastor, ovelhas guardarei, não tenho outro ofício nem terei, quantas vidas eu tiver eu lhes darei". E todos de pé o aplaudiam. Foi a última vez que participou da Missa na qual os sacerdotes renovam suas promessas sacerdotais. Era assim Mons. Alonso Benício Leite: Homem de Deus, voltado para os pobres.

Vitória da Conquista, 26 de setembro de 2003
12º aniversário de falecimento de Mons. Alonso

+ *Geraldo Lyrio Rocha*

+ Geraldo Lyrio Rocha
Arcebispo de Vitória da Conquista

ANEXO XIV

MEU COLEGA RACHADOR DE LENHA

Dom Antônio Affonso de Miranda S.D.N.
Bispo Emérito de Taubaté

Conheci o Pe. Alonso Leite, quando ainda seminarista. Foi em 1933, em Manhumirim, quando entrei para o Seminário Apostólico da Congregação dos Missionários de Nossa Senhora do Smo. Sacramento, fundada, fazia poucos anos, pelo saudoso Pe. Júlio Maria De Lombaerde.

O então seminarista Alonso Leite já estava perto de concluir o Seminário Menor e vestir o hábito cinzento da Congregação. Por este motivo de ser mais adiantado em seus estudos, ele e dois outros companheiros, Armando Sá e João Venâncio, chamavam mais a atenção de todos os menores, que havíamos ingressado no Seminário ao começo do ano.

O Alonso Leite era, praticamente, homem feito, com seus vinte anos. Figura simples, humilde, parecia-me ter vindo do meio rural.

Muito estudioso, era visto freqüentemente com um livro na mão, mesmo quando caminhava nas filas para o refeitório ou para a Capela.

Ele conversava pouco. Por isso, nunca tive oportunidade para perguntar-lhe de que cidade viera.

Todos nós tínhamos um ofício no Seminário, de que nos desempenhávamos no horário dedicado ao trabalho. Isto se dava depois do recreio após o almoço, e nas quintas-feiras, feriados dedicados ao trabalho.

O ofício do Alonso era o de rachador de lenha, serviço dos mais pesados. Talvez por causa de sua origem humilde e por causa de sua força, fora-lhe atribuído este trabalho. E ele, parece, gostava do que fazia. Nos fundos da cozinha, numa cobertura onde se empilhavam os troncos de lenha, lá estava ele, durante todo o trabalho, com mangas arregaçadas, de machado na mão.

Muitas vezes, quando por ali passel, pude observá-lo a vibrar, com força e coragem, o machado, partindo pedaços de lenha, que se transformavam em cavacos para serem metidos na boca do velho fogão de ferro. Em torno deste fogão enorme, víamos sempre a Dona Inácia, preta de seus quarenta anos, que fazia a nossa comida. Várias vezes a ouvi gritar: "Alonso, traze mais lenha! Os cavacos estão acabando, rapaz!"

E lá vinha o Alonso Leite com uma braçada de paus e os enfiava na boca crepitante do fogão.

A sua função não era fácil. Dura e paciente. Rachar troncos grossos, picá-los em tamanho menor e endireitá-los em pilhas, à parte. Ele fazia isto o dia inteiro, nas quintas-feiras.

Nunca ouvi o Alonso se queixar deste trabalho tão duro. Via-o às vezes limpar o suor da testa na fralda da camisa, já puída e mesmo rasgada, e erguer, de novo, com força, o machado e brandi-lo no tronco sobre que pisava.

Se parava para algum descanso, tomava à mão um livro, que estava ao lado, e lia-o atentamente.

O Pe. Júlio Maria, nosso Superior, elogiou algumas vezes o Alonso como moço dedicado ao serviço e que nos momentos de folga aplicava-se ao estudo, não perdendo tempo em conversas inúteis.

Sujeito de pouca conversa, poucas vezes o vi sorrir, mas nunca gargalhar, e jamais presenciei qualquer discussão dele com os colegas.

Sempre admirei o seu caráter reservado, humilde, atento ao estudo e ao trabalho grosseiro em que se ocupava. Isto me dava a impressão de que era também piedoso e dado à oração. Mas nunca pude vê-lo de perto na capela, pois nós pequenos e mais novos ficávamos nos bancos de frente, e ele era maior e ficava atrás.

Não fiquei sabendo o motivo por que o Alonso Leite saiu de nosso seminário. Fui às férias no fim do ano, não sei se em 33 ou 34, e o Alonso permaneceu no seminário, assim como vários outros colegas. Quando regressamos, ao início do novo ano, ele já tinha saído. Admirei-me, pois ele era, para mim, um colega edificante e de Ideal.

Poucos anos depois, vim a saber que ele fora para a diocese de Vitória, e prosseguia seus estudos no Seminário de Mariana. Nunca mais o encontrei.

Em 1962 ou 1963, quando fui para Vitória, afim de cursar Direito na Universidade do Espírito Santo, morei com Mons. Fuchs, perto da Catedral. Algumas vezes por semana, celebrava a Missa no hospital ao lado, e sempre estavam presentes duas religiosas, que trabalhavam na Residência do Arcebispo. Conversando com elas, tomei conhecimento de que eram de uma Congregação iniciada pelo Pe. Alonso Leite.

ANEXO

XV

No ano seguinte de meus estudos, o Arcebispo mandou chamar-me e pediu-me orientações sobre como poderia proceder para encaminhar o processo canônico daquelas freiras, que, então, constituíam apenas uma Pia Associação de fato, sem qualquer estrutura jurídica.

Não fiquei sabendo se o Arcebispo tomou as providências que lhe sugeri. Pouco depois, já no fim do meu curso de Direito em Vitória, conheci o Pe. Ayrola, que me disse ter iniciado sua experiência vocacional junto ao Pe. Afonso Leite, que desejava iniciar também uma Congregação de Padres, mas não teve o apoio do Arcebispo.

Profundos são os desígnios de Deus! Hoje sei que os anseios do Pe. Alonso (um rachador de lenha nos tempos de meu Seminário Menor) vão-se concretizando através de seu antigo discípulo, agora Mons. Ayrola.

Realmente o meu antigo colega de Manhumirim, estudioso, trabalhador, "rachador de lenha" (!) era um privilegiado de Deus, inspirado desde tempos para legar à Igreja duas famílias religiosas!

Bendito e louvado seja o Senhor por seus inefáveis desígnios! E que estes tenham plena realização nos tempos mais difíceis que a Igreja está hoje vivendo. Lá no Céu interceda pela total plenificação de seu ideal terreno o nosso querido Pe. Afonso Leite.

ANEXO
XVI



Dom Antônio Afonso de Miranda S. D. N.
Bispo Diocesano de Taubaté
Caixa Postal, 27 - CEP 12001-090 - Taubaté - SP

Taubaté, 30 de dez. de 2003

Meu caro Mons. Ayrola:

Somente agora posso enviar-lhe as impressões que ficaram em minha memória, depois de tantos anos, a respeito do Pe. Alonso Leite. Lá se foram 57 anos. Espero que estas reminiscências possam “valorizar”, espiritualmente, aquele que inspirou ao querido amigo dar continuidade à idealização que ele não pôde concretizar.

Quando eu escrevo sobre um “colega rachador de lenha” não quero depreciar, mas enaltecer a escolha que Deus fez do humilde Alonso Leite, que muito admirei, não obstante o pouco tempo que com ele convivi.

Em breve, pelos meados de janeiro nos veremos aí em Vitória, quando vou atender ao convite de meus primos para o casamento de seu primogênito.

Entrementes, formulo-lhe meus cordiais votos de Ano Novo rico de bênçãos.


Dom Antônio Afonso de Miranda S.D.N.

ANEXO
XVII



Seminário São José - Teologia

Rua Cônego Amando, 57 - Bairro Chácara - Cx. Postal 11
Cep 35.420-000 - Mariana - MG - Fone: 31 3557-1140

1938

Alonso Leite, 1º Test.

Espírito Santo nasc. 20/2/1915 em São Francisco de Assis

Pais: José Felipe Benício

Antonina Leite

SEMINÁRIO MAIOR SÃO JOSÉ
Caixa Postal 11
CGC 22.389.043/0001-43
CEP 35 420 - 000 - Mariana - MG

Mariana, 11 de Outubro 2006.

Flavorina Maria Cardoso Reis.

ANEXO
XVIII

Alonso Benício Leite (Alonso Leite)

N: 53, cf. R.N. II, pg. 54 Verso

nat. Ceará

Faz Exame de Admiss - Fevereiro 1930.	Notas Finais	(cf. R.N. III ^A , pg. 3)
" 1: Série Geral - Dezembro " "	" "	(" " " 3 Versos)
" 2: " " - " 1931. " "	" "	(" " " 4 ")
" 3: " " - " 1932. " "	" "	(" " " 5 ")
" 3: " " - " 1933. " "	" "	(" " " 7)
" 4 " " - Notas Finais de 1934. " "	" "	(" " " 8 Verso)

Mantunim - MG
14/12/2005

ANEXO
XX

2.º ano ginásial	1.º Semestre								2.º Semestre							
	Lat	Port	Arifm	Algebra	Geometria	Trigonometria	Religiao	Lat	Port	Arifm	Algebra	Geometria	Trigonometria	Religiao		
1- Mano Leite	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80		
2- José Lassa	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80		
3- Gabriel Magalhães	70	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80		
1.º ano ginásial	Lat	Port	Arifm	Algebra	Geometria	Trigonometria	Religiao	Lat	Port	Arifm	Algebra	Geometria	Trigonometria	Religiao		
15- Manoel Fraga	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80		
16- Erygides Pereira da Cunha	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80		
1- José Torres	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80		
2- Alberto Perillo	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80		
3- João Lourenço Damasceno	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80		
4- Silva Juvencio	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80		
5- Antonio Gonçalves do Carmo	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80		
6- Alfredo Barbosa	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80		
7- Virahyl Guinole da Silva	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80		
8- José Bast	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80		
9- Epitacio Amadori Franklin	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80		
10- Antenor Rezende da Silva	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80		
11- Aristides Freitas	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80		
12- Antonio Bastian	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80		
13- Sebastião Rezende	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80		
14- Maria Espinola da Silva	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80		
Curso Preparatório	Port	Arifm	Algebra													
1- Mario Valente	80	80	80													
2- Francisco Chaves	80	80	80													
3- Aristóbulo Emy	80	80	80													
4- Antonio Henri	80	80	80													
5- José Carlos	80	80	80													
6- José Sousa	80	80	80													
7- José Carlos S.	80	80	80													
8- Carlos Valente	80	80	80													
9- Carlos S.	80	80	80													

ANEXO
XXI

1.º Semestre										2.º Semestre									
2.º ano ginásial										2.º ano ginásial									
Latim	Portug.	História Brasil	Arifmética	Geometria	História Europa	História América	Natural	Religião		Latim	Portug.	Arifmética	História Europa	História América	Natural	Higiene	As. Brasil	Geometria	Religião
1 - Manoel Leite	80	80	80	80	80	80	80	80		80	80	60	80	70	80	70	80		
2 - José Sousa	80	80	80	80	80	80	80	80		80	80	60	80	70	80	70	80		
3 - Geraldo Magalhães	70	80	80	70	70	80	80	80		60	70	70	60	80	60	70	80		
1.º ano ginásial										1.º ano ginásial									
Latim	Portug.	Arifmética	História Brasil	Geometria	História Europa	História América	Natural	Religião		Latim	Portug.	Arifmética	História Europa	História América	Natural	Higiene	As. Brasil	Geometria	Religião
10 - Manoel Graça * (1)										40	40	60	55	30					
10 - Emygdio Pereira da Cunha Sr.										65	70	85	70	80					
1 - José Ferrer	80	80	80	80	80					80	80	85	80	80					
2 - Alberto Perillo	80	80	70	80	80					85	80	80	80	80					
3 - João Lourenço Domingues	70	80	80	80	80					75	80	80	80	80					
4 - Félix Gonçalves	70	80	80	70	80					70	80	80	65	80					
5 - Antônio Gonçalves do Carmo	80	80	80	80	80					70	70	70	55	80					
6 - Alfredo Barroca	70	80	80	80	80					80	80	80	80	80					
7 - Marlyl Spinola da Silva	80	80	80	80	80					65	70	70	55	70					
8 - José Kasl	80	80	80	80	70					85	85	80	75	80					
9 - Epitácio Andrade Franklin	80	80	70	70	80					80	60	80	75	80					
10 - Antônio Rezende da Silva	60	70	70	70	80					80	80	80	60	80					
11 - Antônio Freitas	60	70	70	80	80					35	80	55	50	80					
12 - Antônio Castanheira	80	70	50	50	80					55	55	60	60	65					
13 - Sebastião Rezende	80	80	80	70	80					70	60	80	70	70					
14 - Alair Spinola da Silva (1)										50	70	60	55	60					
Curso Preparatório										Curso Preparatório									
Portug.	Arifmética	História Brasil	Geometria	História Europa	História América	Natural	Religião			Portug.	Arifmética	História Brasil	Geometria	História Europa	História América	Natural	Religião		
1 - Manoel Valente	90	100	80							70	70	80	70						
2 - Francisco Chaves	80	80	80							80	80	80	80						
3 - Hildebrando Cossy	80	80	80							80	80	80	80						
4 - Antônio Henri	80	70	80							50	80	70	50						
5 - José Parkes	70	70	70							60	50	80	80						
6 - José Serra	80	80	70							70	60	80	50						
7 - José Castano Sr.	60	70	70							50	50	40	40						
8 - Paul Valente	50	80	70							70	80	80	80						
9 - Castano Sr.	70	70	60							40	50	80	30						

ANEXO
XXIV

Segundo Semestre de 1933

1.º ano ginasial (Cont.)		Comp.	Opini.	Relig.	Portug.	Latim	Latim	Matem.	Historia	Geografia	Relig.	Desenho
13	Geraldo Galvão	9,0	9,0	5,0	9,0	8,0	7,0	5,0	8,0	8,5	8,0	
14	Antonio Affonso de Miranda	9,0	10,0	9,0	9,0	7,0	8,0	7,0	8,0	7,0	7,0	
15	Ant. Castro											
16	Caetano Sá											
17	Geraldo Benfica	10,0	10,0	9,0	8,0	6,0	8,0	9,0	9,0	7,0	10,0	
18	Jesus Martins	9,0	10,0	9,0	7,0	7,0	8,0	7,0	7,0	6,0	7,0	
19	Fernando Guabandi	10,0	10,0	9,0	7,0	5,0	6,0	7,0	7,0	5,0	7,0	
20	João Paulino Condi	8,0	8,0	10,0	7,0	8,0	7,0	9,0	9,0	5,0	7,0	
21	Henrique Ferreira	9,0	8,0	8,0	7,0	8,0	7,0	4,0	6,0	6,0	6,0	
22	Arthur Fortes											
23	Waldemar Bonfim	9,0	8,0	9,0	7,0	5,0	8,0	7,0	6,0	9,0		
24	João Prates	10,0	9,0	8,0	5,0	4,0	4,0	4,0	3,0	5,0	6,0	
25	João Martins Sobrinho	10,0	12,0	9,0	9,0	8,0	8,0	10,0	8,0	9,0	9,0	
26	Arthur Prates	9,0	8,0	8,0	6,0	5,0	5,0	6,0	7,0	6,0		
27	João Maria Serventi (Rajoth)	10,0	9,0	8,0	6,0	5,0	-	6,0	7,0	5,0	8,0	
28	Adyr Sousa	10,0	10,0	8,0	6,0	6,0	-	8,0	9,0	6,0	7,0	

de 1934

1.º ano: Abril : Maio : Junho

Geomet.	Geomet.	Latim	Latim	Francês	Historia	Geografia	Geomet.	Geomet.	Algebra	Latim	Latim	Francês	Historia	Geografia	Geomet.	Geomet.
4,0	10,0	9,0					10,0	10,0							7,0	8,0
8,0	8,0	8,5					10,0	10,0							8,0	8,5

ANEXO
XXV

Trilho Agosto Se

1. ^o ano ginasial			Latim	Francis	Geometria	Algebra	Geometria	Geometria	Geometria	Francis	Latim	Geometria	
1. Nense Leite	9,5	9,0	3,0	9,0	6,5	10	9,0	2,5	10,0	9,0	19,0	9,5	9,0
2. Geraldo Nagalhes	10,0	7,0	7,0	9,5	6,5	9,5	9,0	2,5	12,0	9,0	19,0	9,5	9,0

3. ^o ano ginasial			Portug.	Latim	Francis	Geometria	Algebra	Geometria	Geometria	Francis	Latim	Geometria			
1. Antonio Goncalves do Carmo	8,0	6,5	6,0	3,0	10,0	9,5	3,0	7,5	9,0	6,0	9,0	10,0	9,0	10,0	6,5
2. Alberto Perillo	7,0	7,0	10,0	3,5	9,0	9,0	4,5	8,2	10,0	7,0	2,0	10,0	10,0	9,0	10,0
3. Alister Rosendo da Silva	8,0	8,0	7,0	3,0	10,0	8,0	10,0	9,0	10,0	7,5	10,0	10,0	10,0	10,0	9,5
4. Aluis da Silva Spinola	7,0	4,0	6,0	6,0	7,0	3,5	5,0	9,0	9,0	6,0	3,0	9,0	8,0	7,0	4,0
5. Anacleto da Silva Spinola	7,0	5,0	3,0	5,5	6,0	4,0	5,0	5,0	10,0	7,5	8,5	9,5	9,0	9,0	4,0
6. Aquino de Andrade Francklin	8,0	8,5	3,5	8,5	10,0	2,0	8,5	9,0	10,0	3,5	6,0	8,5	10,0	10,0	4,0
7. Emigdio Percisada Cunha	8,0	6,0	4,0	10,0	10,0	9,5	7,5	6,5	9,5	6,0	8,5	10,0	10,0	10,0	4,0
8. Felix Gimenes	7,0	5,0	2,0	—	10,0	9,5	7,5	6,5	9,0	7,5	9,5	9,5	10,0	10,0	8,0
9. Jefferson Hilbrun Gomes	8,0	—	10,0	3,5	7,0	10,0	7,0	5,0	9,0	—	9,0	10,0	10,0	10,0	8,0
10. Joaõ Carlos Tesser	8,0	8,0	4,0	9,0	10,0	6,5	8,0	9,0	10,0	9,0	9,0	9,5	10,0	10,0	8,5
11. Joaõ Lourenco Domingues	8,0	6,0	7,0	10,0	9,0	6,0	6,0	9,0	10,0	6,0	10,0	10,0	10,0	10,0	8,5
12. Joaõ Bach	5,0	7,0	10,0	7,0	9,0	7,0	8,5	5,0	8,0	8,5	10,0	9,0	10,0	10,0	8,5

2. ^o ano ginasial			Portug.	Latim	Francis	Geometria	Algebra	Geometria	Geometria	Francis	Latim	Geometria			
1. Antonio Affonso de Miranda	8,5	9,0	7,0	10,0	10,0	3,5	10,0	9,0	3,0	10,0	10,0	10,0	10,0	9,0	10,0
2. Alberto Tenente	9,0	7,5	10,0	9,5	3,5	3,0	—	—	—	—	—	—	—	—	—
3. Francisco Baptista	9,0	6,5	10,0	8,0	10,0	7,5	10,0	8,5	6,5	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0	9,0
4. Francisco Gimenes	9,0	8,0	7,0	9,0	9,0	5,0	10,0	8,0	9,0	6,0	10,0	9,5	6,0	8,0	6,5
5. Fernando Guabandi	7,5	7,5	7,0	9,0	9,0	9,0	10,0	5,0	9,0	6,0	10,0	10,0	8,0	10,0	7,0
6. Geraldo Galvão	7,5	8,5	10,0	9,5	10,0	5,5	9,0	7,5	8,0	10,0	3,5	10,0	9,5	10,0	7,0
7. Geraldo Silva Araújo	9,0	9,0	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0	8,5	9,5	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0
8. Henrique Ferreira	6,5	8,0	4,0	7,0	9,0	8,0	9,5	8,0	6,5	10,0	9,5	9,5	7,0	9,0	7,0
9. Joaõ Martins Sobrinho	9,0	9,5	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0	9,5	8,5	10,0	10,0	10,0	9,5	10,0	10,0
10. ...	6,5	7,5	10,0	9,0	10,0	6,5	10,0	8,5	7,5	8,0	9,5	10,0	7,0	9,0	8,0

ANEXO XXVII

ALONSO, UM PASTOR

No meu tempo de ginásio, uma das minhas colegas foi estudar em Baixo Guandu e eu ouvi dizer que lá havia um padre, daquele tipo que praticamente quase não existe mais, que fazia tudo para o bem do povo. Sem falar na Igreja Matriz bem centralizada, à Escola, aos patronatos, até uma Congregação Religiosa Feminina, ele fundou, com o nome de "Milicianas de Cristo", para dinamizar as obras.

De adolescente, tornei-me adulta, conservando na lembrança aquela figura misto de padre, de mito, de gente. Estou falando do Monsenhor Alonso Leite, falecido em setembro passado.

Recentemente designada para atuar como promotora de Justiça na Comarca da mesma Baixo Guandu, na manhã seguinte ao da minha chegada, fiz questão de ir conhecer o "Ginásio Brasil".

Logo de chegada, notei um detalhe que confirmou minha admiração por aquela figura de Sacerdote que nunca tive a satisfação de ver. Entre os desenhos em ferro, ao centro de cada vão do muro, e são muitos, à distância de cerca de um metro e trinta centímetros talvez, o nome de Jesus.

No portão de ingresso da Escola, o nome de Deus e da Pátria. Ter chamado "Brasil" à sua escola, tem portanto, toda extensão do patriotismo de que era dotado e que nos seus anos de Educador quis transmitir, com sucesso outrora, declinante, é triste admitir, pelas contingências que todos conhecem, como sua vida, nas últimas auroras.

Numa das paredes da Escola, um grande quadro a óleo o retrata no verdor dos anos. Olhar sereno, mas suficientemente audaz, capaz de demonstrar a firmeza que lhe ia no espírito, compelindo aos ideais.

O professor Fabriciano que me recebeu gentilmente, foi-me mostrando as salas, agora antigas, onde os alunos além de receberem os conhecimentos do componente curricular, recebem as energias de um homem, imortalizadas pelo amor com que ele ali tudo e todos amou.

Não vi sua biblioteca, mas fiquei sabendo da vastidão de que é composta.

A igreja é majestosamente simples. Jesus no Sacrário, é o Divino anfitrião da Casa. No centro do presbitério, numa cadeira sem luxo nem beleza, uma frase eloquente,

ANEXO
XXVIII

em latim, diga-se de passagem: "Sacerdos Alter Christus"; Nela, a síntese da consciência que dominou o homem de Deus: **O Sacerdote é outro Cristo.**

Cristo, como também foi chamado Jesus, significa Redentor, equivale a dizer que salva, especificamente neste caso, o que resgata para Deus, as ovelhas de hoje, ainda mais numerosa casa de Israel; significa também, Messias ou enviado, aquele que vem em Nome do Senhor, sobretudo, a anunciar a Boa Nova aos pobres, (não só aos compulsoriamente empobrecidos, mas aos que têm coração de pobre.)

Assumindo a condição de Sacerdote, segundo a ordem de Melquisedec, Mons. Alonso assumiu ser Cristo e gastou sua vida como Bom Pastor que dá à vida pelo seu rebanho.

Em cada detalhe do patrimônio por ele construído, há algo que lembra ao visitante o quanto nesta vida, somos apenas caminheiros. Há verde em abundância, onde as aves do céu tem assegurado o alimento com que Jesus tranquiliza aqueles que se preocupam demais com o que devem comer ou beber.

À frente da Matriz, uma imensa praça, redil capaz de conter o rebanho reunido ou serve simplesmente para algum lazer. Finalmente, visitei a Capela, ao lado da Igreja, que fiquei sabendo ter sido a primeira, onde suas primeiras missas foram celebradas. Ali o corpo cansado do envelhecido Pastor, por vontade unânime do seu povo, baixou na expectativa do dia da ressurreição final.

A cama muito simples, sequer está revestida, não contém nenhuma inscrição. Para que? Há muitas flores por toda parte e os fiéis após o culto, na Matriz, ali se dirigem para ainda uma outra oração.

Na parede, um quadro de corpo inteiro, retrata o muito consciente, OUTRO CRISTO. Em sua batina, jamais abandonada, tem na face impressa as marcas do tempo, mas principalmente, açoitada pelos males físicos que seus misteres pastorais não faziam sobrar tempo para combate eficaz.

A mão esquerda cansada pousa sobre o altar enquanto a direita continuou a encontrar forças na fonte do amor, para continuar eternamente abençoando seu povo, em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Ainda hoje, seis dias após ter deixado Guandu pensando no que acabo de escrever, sinto-me caminhando por caminhos tranquilos, imersa num mundo de flores, cantos, poesia e cores, possuída da felicidade de quem teve um sonho e quando deparou-se com a realidade constatou que há realidades tão ditosas como os próprios sonhos.

Marlusse Pestana Daher.

ANEXO

XXIX

Monsenhor Alonso será sepultado na Matriz de São Pedro, Baixo Guandu

Decisão

A IGREJA CATÓLICA, PARÓQUIA DE SÃO PEDRO EM BAIXO GUANDU - ESPÍRITO SANTO; representada pelo Rev. Padre MARCELO LUIZ BASONI, requer autorização para o sepultamento do Monsenhor **Alonso Benício Leite**, junto às dependências da Matriz de São Pedro, nesta cidade, alegando que tal pedido prende-se ao fato de manifestação da vontade popular, provinda dos fiéis, alegando ainda mais, que já têm posição favorável do Exmo. Sr. Prefeito Municipal, bem como do Bispo Diocesano D. GERALDO LYRIO ROCHA.

Um fato novo, inédito nesta Comarca, mas louvável, tendo em vista sua magnífica finalidade, uma vez que o saudoso **MONSENHOR ALONSO BENÍCIO LEITE**, porque não dizer, "é a própria história deste querido município de Baixo Guandu".

Aqui, ele plantou, colheu, amou e foi amado, sendo testemunho vivo do verdadeiro evangelho, cumpridor do amor determinado pelo Nosso Senhor Jesus Cristo, perante seu próximo. Mostrou e deixou exemplos de sabedoria e justiça, dedicando toda uma vida, em favor do seu rebanho, qual pastor cuida de suas ovelhas.

Morre o corpo, o pó volta à terra, mas vivo, por certo permanecerá na face da terra, cujas marcas e rastros, jamais se apagarão.

Convivendo nesta Comarca, por quase dois anos, quero registrar meus sentimentos pela perda, deste sacerdote, que fez da sua vida um instrumento da paz e comunhão uns com os outros.

Sei que nesta cidade, existe cemitério municipal, administrado pela municipalidade, onde através do controle dos óbitos são ali sepulta-

dos todos os que partem para a eternidade, naquele campo santo.

Não vejo nenhum óbice, no atendimento da pretensão da Paróquia, e não há também qualquer caráter discriminatório, pelo contrário, in casu, não se discute o falecimento do simples cidadão, mas sim do digno, honrado sacerdote "Monsenhor Alonso Benício Leite", que vai para a eternidade, deixando conosco 50 (cinquenta) anos de sacerdócio, meio século de história que merece ficar gravada, com letras de ouro nos corações guanduenses.

O Artigo 5º da lei de introdução ao código civil brasileiro, (D. Lei nº 4.657 de 04 de setembro de 1942), diz in verbis: "**NA APLICAÇÃO DA LEI, O JUIZ ATENDERÁ AOS FINS SOCIAIS QUE ELA SE DIRIGE E ÀS EXIGÊNCIAS DO BEM COMUM**".

DIANTE DO EXPOSTO, com fundamento no citado artigo 5º da lei de introdução ao Código Civil Brasileiro, defiro o pedido inicial, formulado pela Paróquia de São Pedro, Baixo Guandu - Estado do Espírito Santo, autorizando, judicialmente, o sepultamento do corpo do Monsenhor "ALONSO BENÍCIO LEITE", junto às dependências da Igreja Matriz nesta cidade.

Encaminhe-se cópia desta decisão, ao Exmo. Sr. Prefeito Municipal de Baixo Guandu-ES, de igual modo à Diocese de Colatina-ES, bem como à Paróquia, ora requerente.

Publique-se. Registre-se. Intimem-se, inclusive o Ilustre Representante do Ministério Público.

Baixo Guandu-ES, 26 de setembro de 1991

Antonio Leopoldo Teixeira
Juiz de Direito

ANEXO

XXX

Um padre diferente

17 CARRE 111
22-06-91

Desde o dia 20 último a cidade de Baixo Guandu é uma festa que se prolongará até o dia 30, mas tem seu ápice no dia 29, quando se comemora o 50º aniversário de ordenação sacerdotal do monsenhor Alonso Benício Leite, conhecido de toda a sociedade guanduense como padre Alonso.

Natural do Ceará, o monsenhor Alonso Leite veio para Baixo Guandu, depois de passar por Alegre e Colatina, mas foi ali bem perto da divisa com Minas Gerais que ele encontrou o seu abrigo, a sua casa, o seu ninho.

Vão para mais de três décadas que conhecemos o velho educador, hoje com seus 77 anos de persistente luta em favor da comunidade que o abrigou e que tem por ele uma impressionante admiração e carinho, por tudo o que construiu e reivindicou junto aos organismos públicos.

Um dia, o arcebispo surgiu com a idéia maluca de transferi-lo de Baixo Guandu. Alguns amigos da cidade pediram nossa ajuda para impedir a mudança, como se um refinado ateu pudesse se meter nos caminhos da Igreja Católica para tratar de tal assunto interno.

O caso é que pressões de natureza política impunham a saída do padre Alonso de Baixo Guandu, porque ele defendia as lideranças do PSD do município.

A briga não foi em vão e ajudamos a comunidade guanduense a sustentar o padre Alonso em permanecer na cidade, quando ele declarou que só sairia dali morto. Foi uma pá de cal no arcebispo, que o suporta até hoje ali, por força do trabalho humanitário que realiza.

As nossas as finidades com o padre Alonso foram crescendo e ele passou a nos procurar em tudo que necessitava para Baixo Guandu e que, através da imprensa ou dos organismos onde trabalhávamos, entendia que podíamos solucionar, ou mitigar um pouco as dificuldades momentâneas.

Periodicamente ele nos visitava para que escrevêssemos sobre a Rodovia 259, que iria ligar Baixo Guandu a Colatina, até que um dia ele explorou de raiva dizendo que nunca mais iria benzer reinício das obras, porque aquela era a 10ª vez e a estrada não terminava, como não terminou ainda, faltando seis quilômetros de asfalto e um monte de vergonha.

Profundamente humano, com uma vontade tremenda de resolver todos os problemas do mundo, padre Alonso é um dos responsáveis pelo grande desenvolvimento que teve Baixo Guandu nas décadas de 50, 60 e 70, ao promover suas peregrinações de porta em porta das autoridades,

fazendo reivindicações e encontrando pela frente governantes como Jones Santos Neves e Carlos Lindenberg, que lhe deram o maior apoio, pela certeza de tratar-se de um homem profundamente voltado para o bem da comunidade.

Em momento algum padre Alonso pedia para si ou para sua igreja. Era sempre um colégio, uma creche, uma obra de caridade qualquer que precisava do seu apoio e ele estava sempre disposto a dar o melhor dos seus esforços e tudo conseguia. Quando faltava alguma coisa mais, ele recorria ao formidável patriarca guanduense Odilon Nunes Milagres, sempre aberto às reivindicações do padre.

Tem pouco tempo que os amigos guanduenses recorreram a nós, outra vez, para dar um apoio ao velho pároco que estava na iminência de ficar cego, caso não fizesse uma cirurgia da vista em Barcelona, na Espanha. Daqui deste canto voltamos a apelar para os amigos de Baixo Guandu para socorrer aquele que tem sido o samaritano, que tem buscado incessantemente tudo para os outros, nada para si. Em nosso socorro surgiu o médico oculista Kamel Moysés, que disse não ser preciso o pároco ir a Barcelona fazer a operação. Ele faria o tratamento inteiramente grátis, por ter sempre ouvido falar nos atos de caridade do padre Alonso.

Foi o Dr. Kamel Moysés responsável pela operação nos olhos do padre Alonso, para que ele pudesse de novo ler, escrever, se locomover.

Hoje, profundamente debilitado por problemas de rins, obrigado a fazer hemodálises semanais, o velho e incansável padre Alonso, quando assiste fardo apesar-lhe demasiadamente às costas, convida a todos guanduenses para irem às festividades que marcam o 50º aniversário de sua ordenação sacerdotal.

Brincando com o velho pároco, afirmamos que para nós fica difícil penetrar na sua igreja, para não colocar a vida dos frequentadores em risco, porque nossa presença, certamente, vai abalar os alicerces e o teto pode ruir...

Mas desejamos ardentemente, mesmo como impertinente ateu, que o padre Alonso tenha uma festa retribuinte, digna do seu esforço e sua dedicação em prol da comunidade guanduense, principalmente aquela mais sofrida, que mereceu sempre dele toda dedicação, um trabalho persistente em prol da educação e do próprio desenvolvimento do município.

Tudo que Baixo Guandu tem, teve uma participação atuante do padre Alonso Leite, que no final de sua existência merece a devoção e o carinho de todos, pela sua bondade e profundo espírito humano.

Uchôa de Mendonça

ANEXO

XXXI

Oracão por Pedir Vocação para
Milicianes -

Oracão escrito em São Sebastião, e
si Pastor Amador.

O' Pedrimos que de Jesus, a vinha e
pan de; ~~proprietários~~ ~~patronos?~~
Pedir e receberis; buscai, e achareis. Mis
Vris pedimuz ^{santos e} ~~númerozos~~ e ^{santos} Vocoz
para as hostes Milicianez. Iluminai
a mente de juventude, acendi em seus
fios oracão as chamas vivificantes de
vossa ~~piosa~~ ~~Amor~~ para que ela possa
escolher a melhor parte de vossa
heranca. Chamai - os a vossa miliz
Armai - os ~~symply~~ ~~integrity~~, ~~inf-ti~~
gaveiz de vossa ~~Cor~~.
Onde houver um - alim - salvar,
ali esteji ~~na~~ Milicianez. Mandai
vossos esquadros e todos os que se - te
de tene para ~~atender~~ ^{realizar} ~~vossa~~ ~~supremes~~
Aspiracão: Todos se jam ~~Vos~~. A
mesmo ~~soj~~ nos ~~inteliguez~~, ^{unim} ~~midde~~ de
Omnis nos ~~Gracis~~! Que eles ~~flouer~~
Todos ~~em~~ ~~Plan~~ ~~universal~~ e ~~eterno~~, ~~Aliz~~
de ~~vide~~ e de ~~verdade~~, ~~reino~~ de ~~san-~~
tidade e de ~~paça~~, ~~reino~~ de ~~paça~~, ~~de~~
" - - - - - a ~~ita~~ ~~Gracis~~ ~~o't. l. ca.~~

ANEXO
XXXII

Oração para obter Vocação Militiana:

O' Jeo Pissim Graç de Jeus,
a vinda e' grande; os obreir, pous.
nis vos pedimz numeros e santos
vocacõ para os lutas milicianas.
Pedi, e receberis, buscai, e achareis
Illuminai a mente dos jovens, e
acendi em seus coracõs os chãos
de voss d'vinn Amis, para que els
possam velter o melhor ^{milicia} ~~partido~~ da
vossa heranca. ^{formai} ~~formai~~ - os Ap'ly
intepidos, inf. Igaris de voss lous.
Onde honrei uma abru a setou
als esteji um miliciano, para
realizar a voss' empreza espiral.

Chamai a todos sejam um! ^{unidade} ~~unidade~~ de
foco a ^{unidade} ~~unidade~~ dos inteli-fanci - , a unidade de
de de aprisa ^{unidade} ~~unidade~~ amos nos lous.
a St. ^{unidade} ~~unidade~~ es Resu Univers, el e estur, rein de
Co Edic. vide e de vende de, rein de sãti.
e de peca, rein de justice, de
am e pag. 22
Irrim l'aveis uma se rebante

ANEXO XXXIII

página 2:

Respondendo o questionário do Padre Rubim sobre o Ensino Religioso no Estado do Espírito Santo, reafirmo que o Pe Alonso Benício Leite realmente foi um grande ajudador em Baixo Guandú, do Ensino Religioso, abrindo oportunidades para a modificação desse ensino que a princípio era confessional, isto é, cada professor ficava com as crianças de sua religião, quando batia o sinal para estudo do Ensino Religioso na escola.

Estou enviando uma apostila sobre o Pe Alonso, que escrevi para uma revista católica, mostrando as atividades do Pe Alonso, sobre o Ensino Religioso em Baixo Guandú, e como Ele ajudou a mudar essa situação, uma vez que o Pe Alonso além de ser Padre, era também chefe político do PSD naquela época.

Quanto a Cieres e Coneres, Ele não motivou na construção das referidas entidades, uma vez que as mesmas foram criadas pelo Governo Federal e respaldados pelos Governos Estaduais.

Aqui temos as leis que as criaram:

A LDB 4024 - O Ensino Religioso era confessional

A LDB 5692 - O Ensino Religioso era inetrconfessional

A LDB 9394 de 20 de Dezembro de 1996, apresenta um caráter inter-religioso e frisa: "Vedadas quaisquer forma de proselitismo." Terá que respeitar a diversidade cultural e religiosa do Brasil. O Forum Nacional Permanente do Ensino Religioso (Fonaper), entidade nacional criada para orientar e coordenar o Ensino Religioso em todo território nacional. Em cada Estado, quando o Ensino Religioso era confessional foi criada a Cier (Conselho de Ensino Religioso do Estado) no nosso Estado era designado Cieres (Comissão de Ensino Religioso do Espírito Santo).

O Governador do Estado do Espírito Santo, no uso de suas atribuições previstas na Constituição Estadual e tendo em vista o disposto no art. 33 da Lei Federal Nº9394 de 20 de Dezembro de 1996 e seu substitutivo Lei 9475 de 22 de Julho de 1997 e o art 175 da Constituição do Estado do Espírito Santo, foi criado o Coneres: 'Conselho de Ensino Religioso do Estado do Espírito Santo', sendo assim criado o Coneres em todos os Estados. Portanto diante do que foi colocado, tanto a Cieres e Coneres não foram criados nem por mim e nem por influência do Padre Alonso, mas foram criados pelo Governo Federal e Estadual.

O Padre Alonso exerceu uma grande influência na mudança do Ensino Religioso e me ajudou demais como Diretora de grupo escolar e como professora, pois o Padre Alonso como Padre e Político, ajudou a mudar a maneira de ensinar essa disciplina na Escola, pois a disciplina de Ensino Religioso era dominadora e preconceituosa, passando a ser de respeito pelo outro, e de amor pelo diferente.

Quanto, a mim, Irmã Rita e o Pe Alonso, sempre trabalhamos com o Ensino Religioso, de forma ecumênica, procurando ajudar as crianças a respeitar os direitos dos outros, levando-os a entender que o Ensino Religioso é para ensinar o amor, o respeito às pessoas que pensam diferente de nós.

Das discussões no Coneres, temos colhido vários frutos importantes para a solidificação do Ensino Religioso no nosso Estado e no Brasil.

Quanto ao Pe Alonso, consideramos que Ele realmente foi um pioneiro desse ensino, de maneira ecumênica e de diálogo inter-religioso.

ANEXO XXXIV

Padre Alonso

Autora: Ruth de Albuquerque Tavares

Como homem, sempre lutador pelas causas dos pobres. Como padre, incansável e lutador não separavam o homem padre, que lutava para que todos tivessem onde morar, se abrigar, estudar. Não era o homem que vivesse só para si. Era capaz de distribuir com o pobre, o pão de cada dia.

Não era um padre que só pensava na religião; pelo contrário, para ele a religião deveria estar a serviço do homem. Lutava pela dignidade humana, tanto que organizou em Baixo Guandu, duas entidades para ajudar as pessoas necessitadas. Criou um orfanato que atendia crianças carentes, cujas famílias não podiam manter os filhos em casa. Criou também um colégio que deu o nome de Colégio “Brasil”, ali estudavam todos que podiam ou não pagar. Ele não visava lucro.

Os fazendeiros da região ajudavam a manter o orfanato e o colégio, com produtos de suas fazendas para alimentação de ambas instituições. O povo de um modo geral ajudava com contribuições. Todos viam o esforço do padre que lutava para ajudar a clientela tão carente. Aconteceu um fato digno de nota.

Havia um vereador que era de uma das Igrejas Protestantes da cidade, esse vereador conseguiu aprovar uma verba para o orfanato. Padre Alonso ficou muito contente, foi agradecê-lo pessoalmente. Para surpresa o vereador disse-lhe, “Padre, por ter conseguido aprovar a verba para o seu orfanato, o meu pastou reuniu a Igreja e conseguiu me excluir da Igreja”. A Igreja toda não ficou do lado do pastor, mas outros deram apoio ao vereador. Com isso o Padre Alonso foi para o alto falante da Igreja, que ficava ligado o dia todo. Era bem o seu estilo. Foi ao alto falante e colocou a situação que aquele vereador estava passando por ter ajudado a Igreja Católica com verba para aquelas entidades. Diga-se de passagem, que havia crianças até das Igrejas Evangélicas da cidade, tanto no orfanato como no colégio. E ele não deixava por menos e disse: “às vezes não entendo os Evangélicos isto é a Igreja do vereador fulano, deixo de mencionar a Igreja por uma questão ética, conto o fato acontecido. Como excluir uma pessoa do seio da Igreja, pelo fato dele ter o espírito de Cristo? Jesus nunca teve preconceito contra ninguém. Jesus conversou com a mulher

ANEXO**XXXV**

samaritana, esteve em casa de Zaqueu e tantos outros textos da palavra de Deus". E ainda disse o Padre Alonso: "é tão difícil a gente conseguir que uma pessoa fique na Igreja e quando esta coloca para fora sem se importar se esta ferindo alguém". "Tenho certeza", disse Ele "que Jesus não faria isso, mesmo que o indivíduo estivesse em pecado, o que não é o caso do vereador, ele estava demonstrando ter o Espírito de Cristo".

O pastor ficou muito sem graça e não excluiu o vereador.

Padre Alonso era o padre que agasalhava a quem ama, mas era contundente, com o erro.

Era político e tinha muito poder na cidade, justamente devido ao seu modo de agir e pensar.

Era presidente na época do PSD.

Posso falar do Padre Alonso porque era um grande amigo meu e do meu marido que era um pastor Presbiteriano na cidade, Eliézer Tavares de Jesus, assim contarei mais um fato sobre Padre Alonso.

Chegamos para residir em Baixo Guandu e meu marido para pastorear a igreja Presbiteriana de Baixo Guandu, no ano de 1956. Ao chegarmos, algumas pessoas da comunidade nos procuraram, visitaram-nos e algumas levaram bolos, biscoitos e outras coisas, pois era costume na cidade.

Interessante é que algumas pessoas nos deixaram de sobreaviso, "cuidado com o padre porque ele não gosta de Protestante", entretanto não demos muito crédito e procuramos trabalhar na cidade, procurando o Ecumenismo, esta sempre foi a nossa posição. Depois de algum tempo, o Padre Alonso foi para o alto falante e disse "católicos estamos com uma família na cidade, o pastor Eliézer, sua esposa e seus filhos. Estou gostando da maneira como ele tem tratado a questão religiosa. "Espero que os católicos dêem apoio á família".

No ano seguinte, fiz concurso para o Estado e consegui uma cadeira no Grupo Escolar "Professor Nunes".

A situação da escola era muito séria, havia muita discórdia, muita briga por questões principalmente políticas, era o PSD e a UDN. Viviam em luta, a diretora não estava agüentando a situação. Um dia o Padre Alonso com o Deputado Dr. Carlyle, foram a minha casa. Fiquei espantada, e pensei, o que estará acontecendo!? O que queriam o Deputado e o Padre!?

Para surpresa minha, foi feito um convite especial para que eu assumisse a direção do grupo escolar. Trabalhamos muito bem. Tanto o Deputado como o Padre me deram todo apoio e

ANEXO XXXVI

podemos desenvolver um trabalho muito bom, com o auxílio de todos, inclusive dos professores, mas uma coisa estava criando uma situação de exclusão era justamente o Ensino Religioso que era confessional. Professores brigavam entre si, Católicos e Protestantes por questões religiosas, e que estava refletindo no comportamento das crianças, tornando o ambiente escolar desagradável e desrespeitoso. O Padre Alonso quando sabia de alguma coisa na cidade ele pegava o alto falante e colocava a situação para todo mundo, com isso uns ficavam irritados e outros satisfeitos, por serem de campos opostos.

Para eu aceitar a direção tive uma conversa séria com o Deputado e com o Padre Alonso.

- 1- Pedi a eles que deixasse de falar nos problemas do grupo pelo alto falante porque isso criava mais problemas.
- 2- Expuz sobre o Ensino Religioso e como estava fazendo mal a toda comunidade. Ao invés de pregarmos o amor, a compreensão, o respeito pelo outro, estávamos cada vez mais longe do amor de Cristo, do perdão.

Então Padre Alonso me perguntou, o que a senhora sugere? Retirar o Ensino Religioso? Respondi que não, mas que teríamos um meio de resolver a situação. Que seria fazer o Ensino Religioso ecumênico. Falamos sobre isso e no final da conversa ele disse, dou o meu apoio a tudo que a senhora fizer. Pode começar logo.

Parti para iniciar esse trabalho. Convidamos os Pastores, e Ele Padre Alonso estava presente à reunião. Alguns pastores gostaram do modo de trabalhar, outros pediram licença e se retiraram. Iniciamos o trabalho, foram vários dias de reunião e no final da semana estávamos com uma programação de Ensino Religioso excelente; com tudo que nos unia como Cristãos e deixávamos de lado o que levava à desunião. Foi um trabalho excelente, conseguimos mudar aquela situação. Padre Alonso me agradeceu e me pediu que fizesse a mesma coisa com as escolas do interior e da Prefeitura, pois eu fui colocada como delegada de Ensino, além de acumular a direção do Grupo Escolar.

Outro fato que não posso deixar de mencionar. A Igreja Presbiteriana local ficava num local privilegiado, devido a sua situação geográfica, mas era uma casa bem simples, pois os membros daquela comunidade eram bem pobres, não havia recurso, para melhorar a aparência da Igreja. Um dia o Padre Alonso foi ao alto falante e disse: Povo de Baixo Guandu, todos nós estamos vendo o trabalho do Pastor Eliézer junto à sua comunidade. A

ANEXO**XXXVII**

Igreja é pobre, não tem recursos, a cidade esta crescendo e requer que haja construções melhores e bonitas para melhorar o aspecto da cidade.

A Igreja Presbiteriana está num local excelente, mas não pode continuar com está. É necessário que haja ajuda de todos para que a nossa cidade se transforme numa cidade bonita, então está na hora de todos ajudarem aquela comunidade. Faço um apelo ao Pastor Eliézer que comece a pensar em construir um belo templo para melhorar a aparência da nossa cidade. Pode contar conosco pastor e creio que o povo não vai faltar na ajuda a sua Igreja. É interessante observar que não houve nenhum pedido do meu marido ao Padre Alonso, Ele fez espontaneamente. No dia seguinte, recebemos a visita do gerente do BANESTES colocando o banco a disposição da Igreja para fazer um empréstimo com juros bem baixos. E daí as pessoas começaram a telefonar e a nos procurar ajudar. Uns davam tijolos outros tinta, cimento, outros davam as portas, as janelas, diante disso Pastor Eliézer fez um projeto e com a ajuda de todos conseguiu erguer um bonito templo que é um orgulho para todos os Cristãos.

Padre Alonso era controvertido, mas era uma excelente pessoa, e um grande cristão.

Quando a Igreja completou cinquenta anos de existência na cidade, e nós já estávamos em Vitória, recebi um convite do pastor da Igreja Presbiteriana para receber uma placa em homenagem ao Rev. Eliézer Tavares, pois já havia falecido. Eu e meu filho Eliézer fomos a Baixo Guandu para receber a placa. Foi um culto maravilhoso. Quando recebi a placa, perguntei à Igreja: Vocês convidaram o padre Alonso para receber também a homenagem, pois foi ele que ajudou a Igreja a construir este templo majestoso. Então o Pastor me respondeu: Não convidamos o Padre, mas vamos fazer uma oração por Ele e a Igreja batem palmas pelo Padre Alonso. Assim o Pastor orou pelo Padre Alonso, pedindo a Deus que o ajudasse nas suas lutas e dando graças a Deus pela sua vida.

ANEXO XXXVIII

I – CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO RELIGIOSO

- Um relato histórico e a história do homem, no contexto do Ensino Religioso.
- O ensino Religioso no Brasil tem passado por várias mudanças, vejamos o quadro demonstrativo dessas leis:
- A LDB 4024 _____ o ensino era confessional
- A LDB 5692 _____ o ensino era interconfessional
- A LDB 9394 20 de dezembro 1996 apresenta um caráter inter-religioso e frisa, vedadas quaisquer formas de proselitismo. Terá que respeitar a diversidade cultural e religiosa do Brasil.

Diante das mudanças que sofreu o Ensino Religioso, estamos levantando questionamentos que muito podem ajudar no ensino dessa disciplina e por outro lado apresentamos linhas mestras para o estudo de Ensino Religioso de acordo com o Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso encontrados no caderno de Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Religioso, versão outubro de 1996.

Para melhor explicar, o Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso é uma entidade criada para orientar e coordenar o Ensino Religioso em todo território nacional.

Levaremos, agora algumas considerações sobre assuntos pertinentes ao Ensino Religioso.

O homem vem do húmus que significa terra fecunda. Adão, Adam, em hebraico, significa “criatura feita de terra”, provém de Adamá que quer dizer Mãe – Terra. O ser humano é filho, filha da Mãe – Terra. Ele é a Terra no seu momento de consciência, de responsabilidade e de amor.

Estas palavras, HOMO, HUMUS, ADAM, ADAM – ADAMÁ, apontam para a estreita relação do ser humano para com a Terra e através da Terra para com os seres vivos e todo universo.

ANEXO XXXIX

Vejam os:

1- A identidade do Ser que fala

A história de cada pessoa é parte da sua história bio-sócio-cultural e esta por sua vez é parte da história cósmica. Diante disso, o enraizamento da história bio-sócio-cultural, faz com que quatro forças entrem na constituição de sua identidade complexa:

• A cósmica

Somos feitos de partículas elementares que têm a idade do universo (15 bilhões de anos).

• A Biológica

Diz à ciência que surgimos a partir de formas primitivas de vida que apareceram na terra há mais de 3 bilhões de anos.

• A Cultural

O ser humano criou a cultura, realidade especificamente humana. Criou a partir de suas falas que lhe abriram a possibilidade de intervir sobre si mesmo e sobre a natureza. Essas intervenções permitiram que fosse criado o habitat humano que os gregos chamavam de *ethos*, que significa a morada humana enquanto humana.

O trabalho também foi inventado pelo homem. O trabalho junto com a linguagem é um dos maiores meios de forjamento da cultura.

O ser humano não cria apenas instrumentos e aparatos tecnológicos, para transformar a natureza, mas também cria linguagens, conteúdos da consciência, formas de sentir, de relacionar-se psicologicamente e socialmente com os outros.

Daí o homem através do trabalho, da cultura, cria as linguagens, as idéias, os mitos, as artes e etnias, organizações sociais como a cidade, os estados, nações, e hoje, a planetização.

ANEXO

XL

Cada cultura projetou seu sonho para cima e testemunhou seu encontro com o mistério que se esconde e se revela no universo e em cada coisa, e assim, chamou-o por vários nomes:

- Javé da cultura hebraica; Alá da cultura muçumana; Olorum da cultura Nagô; Tão das culturas chinesa e japonesa; Deus da cultura cristã.

Temos que observar que o homem é singular. A singularidade do homem, consiste em poder falar e pronunciar o mundo. A fala é a maneira de ordenar e dar significado ao mundo. A partir da fala surge a reflexão, o pensamento, a consciência.

É importante pensar na humanização do ser humano, também na identidade humana, no espírito criativo, capacidades auto criadora, auto organizadora de todo o universo das energias da matéria. A construção da espiritualidade.

Pensar ainda, qual o sentido do ser humano no conjunto dos seres e no universo. O Transcendente nas religiões. Sabe-se que o ser humano é vocacionado para ser o símbolo e não dia-bolo da criação.

O ser humano cria os símbolos, os mitos, a fantasia. Pensar no ser humano como um produtor de imagens e de utopias.

Ser humano é um ser de necessidade e de criatividade. Cria a religião que significa re-ligar, isto é, re-ligar todas as etapas da cosmogênese e da ontigênese.

Diante dessa realidade, sabe-se que cada um possui uma descrição de si mesmo, Pelo fato do homem ser reflexivo e poder falar e também ser consciente, cada um faz uma síntese singular e única e irrepitível de tudo o que capta, entende, sente e ama. Com tudo o que foi acumulado em seu inconsciente coletivo e com aqueles recolhidos em seu consciente pessoal, constrói uma leitura e apreciação que só ele e ninguém mais pode fazer. Ele se auto-organiza e também se auto-regula no contexto de pessoa humana, representa um absoluto concreto, daí a afirmação dos filósofos que ensinam: *“O Ser Humano singular é um fim em si mesmo e não pode ser mais para nada”*.

ANEXO

XLI

Vamos abordar os conteúdos a que se propões esse livro, bem como a metodologia a empregar na execução desse conteúdo a ministrar na Escola.

- Autoconhecimento na vivencia do relacionamento com o Transcendente.

Valores:

- formação da consciência moral
- as exigências e qualidades éticas do procedimento humano na perspectiva da Tradição Religiosa
- orientações de vida nas normas, crenças e doutrinas das Tradições Religiosas
- determinações da Tradição Religiosa sobre a pessoa
- determinações religiosas na vida prática das pessoas
- verdades presentes no inconsciente coletivo gerado a partir de determinações religiosas
- determinações da Tradição Religiosa na construção mental da pessoa
- limites:
 - fundamentações dos limites éticos pelas Tradições Religiosas
 - o limite e a busca do translimite
 - a experiência religiosa na busca de superação da finitude humana
 - a fundamentação dos limites éticos estabelecidos pelas Tradições.

Valores da Fé

- orientações de vida dadas pelas Tradições Religiosas
- a verdade nas Tradições Religiosas sob a ótica da fé
- a verdade que orienta o fiel através de mitos, crenças e doutrinas das Tradições Religiosas

ANEXO XLII

Vida além morte:

- respostas para a vida além da morte elaborada pelas Tradições Religiosas.
- as respostas elaboradas para a vida além morte pelas Tradições Religiosas (ancestrais – reencarnação, ressurreição – nada)
- o sentido da vida perpassada pelo sentido da vida além morte.

OBS: É bom que o professor procure, não só no primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental, falar sobre o desenvolvimento do EU, mas em todas as séries e frisando principalmente, a ligação do EU com a auto estima, auto afirmação, auto identidade, e ainda sobre autonomia e responsabilidade e ainda sobre a formação da cidadania.

2- Temas abordados no Ensino Religioso

Faremos algumas considerações sobre o Ensino Religioso Escolar, levantando algumas questões, tais como:

1- O conhecimento Religioso e a Escola e como ela trabalha esses conhecimentos

- A escola, pela sua natureza histórica tem a dupla função de trabalhar com os conhecimentos humanos sistematizados, historicamente produzidos e acumulados e ainda de criar novos conhecimentos.
- Todo conhecimento humano torna-se patrimônio da humanidade entretanto a sua utilização depende de condições sociais e econômicas, bem como das finalidades para as quais são utilizados.
- Nota-se que nem todo conhecimento é de interesse de todos, por exemplo: um conhecimento religioso político, pode interessar a um grupo e não interessar a outro grupo, mas uma vez produzido é patrimônio humano disponível a todos. O conhecimento religioso é um conhecimento disponível por isso a Escola não pode recusar-se a socializá-lo. É preciso observar que por questões éticas e religiosas e pela própria natureza da Escola, não é função dela propor aos educandos a adesão e vivências desses conhecimentos, enquanto princípios de conduta religiosa e confessional, já que esses são sempre propriedade de uma determinada religião.

ANEXO XLIII

2- A produção do conhecimento religioso a pessoas humanas, está sempre fazendo perguntas. Ela interroga a si mesma e ao mundo. Ao interrogar-se, procura saber: Quem sou eu? Para onde vou? De onde vim? Quando a pergunta recai sobre o mundo, a criatura humana procura compreender o seu mistério, sua origem e finalidade. Na experiência de cotidiano existencial, e assim, a pergunta rompe com o mesmo. Provoca novas situações. Faz emergir o desconhecido. O manifesto enquanto manifesto, já é conhecido e por isso não é mais provocador. O objeto manifesto guarda a outra face como desconhecida, mas sugerida. É um oculto vislumbrado no horizonte.

Denominamos de mistério a esse desconhecido que está além – horizonte. A negação do mistério provoca o caos. A instalação do caos na consciência humana, acontece quando a inteligência não consegue compreender e dominar, a morte, a doença, a guerra, etc.;entretanto a superação do caos, se dá pelo conhecimento do fenômeno e pela força de um ritual.

A pergunta surge da necessidade do conhecimento e é instigante. Por isso, a pergunta para a inteligência humana enquanto permanece na curiosidade, não encontra uma resposta. Observa-se, entretanto, que o conhecimento elimina a curiosidade, temporariamente, incorporada ao mundo existencial, a questão torna-se familiar e cotidiana.

**ANEXO
XLIV**

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

DECRETO Nº _____ de ____/____/2006

DISPÕE SOBRE A OFERTA DO ENSINO RELIGIOSO NAS
ESCOLAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO
ESPÍRITO SANTO

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições previstas na Constituição Estadual e tendo em vista o disposto no art. 33 da Lei Federal nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, e seu substitutivo Lei nº 9.475 de 22 de julho de 1997, no Art. 175 da Constituição do Estado do Espírito Santo,

DECRETA:

Artigo 1º - O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, parte integrante da formação básica do cidadão, constitui disciplina de oferta obrigatória no currículo de ensino fundamental nos horários de aulas normais das escolas de educação básica da rede pública dos sistemas estadual e municipal de ensino, assegurado o respeito à diversidade cultural – religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

Artigo 2º - O Ensino Religioso, com ênfase no conhecimento e comportamento humanos visa subsidiar o aluno na compreensão do fenômeno ético-religioso, presente nas diversas culturas e sistematizado por todas as tradições religiosas.

§ 1º - O aluno, se maior, ou pelos pais ou seu responsável, quando menor, deverá efetivar anualmente sua opção ou não para as aulas de Ensino Religioso, através de documento, no ato da matrícula, que deverá constar na ficha individual e no histórico escolar do mesmo.

§ 2º - Os estabelecimentos de ensino deverão oferecer para aqueles alunos que não optarem pelo ensino religioso, outros conteúdos e atividades de formação geral, nos mesmos horários de aulas, de modo que todos, sem exceção, cumpram satisfatoriamente sua carga horária anual mínima prevista na Legislação vigente.

ANEXO**XLV****Histórico da Disciplina Ensino Religioso nas Escolas Públicas do Estado do Espírito Santo**

O Ensino Religioso no Estado do Espírito Santo começou com um grupo de Católicos e Protestantes das seguintes denominações: Igreja Presbiteriana Unida (IPU), Igreja Luterana (IECLB), Igreja Metodista.

O grupo criou a Comissão de Ensino Religioso, na década dos anos 70. O grupo tinha suas reuniões numa das salas da Secretaria de Estado da Educação e Cultura, (SEDU).

Em 1972, o Secretário da Educação e Cultura do Estado do Espírito Santo, professor Acy Nigri do Carmo, solicitado pela Comissão de Ensino Religioso procurou o Arcebispo de Vitória, D. João Batista da Motta e Albuquerque, pedindo-lhe que preparasse um programa para a implantação do Ensino Religioso nas escolas da Rede Oficial de Ensino atendendo ao Parágrafo Único do Art. 7º da lei 5692/71 que diz: “O Ensino Religioso de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais dos estabelecimentos de 1º e 2º Graus”.

A Constituição do Estado do Espírito Santo prevê o Ensino Religioso nos estabelecimentos de 1º e 2º graus das Escolas Públicas, mediante do Decreto nº 1109 – E, do dia 21 de Fevereiro de 1975, D. O. de 15/02/75, assinado pelo Governador do Estado Dr. Arthur Carlos Gerhardt Santos, é criada oficialmente a Comissão Interconfessional para o Ensino Religioso no Estado do Espírito Santo (CIERES) e são nomeados os membros e respectivos suplentes. “O Ensino Religioso alicerça-se nos princípios da cidadania, do entendimento do outro enquanto outro”.

**ANEXO
XLVI**

Dando continuidade ao histórico do Ensino Religioso no Estado, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

- 1 - A Lei 4024 de 1961-----Ensino Confessional
- 2- A Lei 5692 de 1971-----Ensino Interconfessional
- 3- A lei 9394 de 1996-----Ensino Confessional e
(art.33) Interconfessional

A LDB - Lei 9394/96 - Art. 33 diz o seguinte:

O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, sendo oferecido, sem ônus para os cofres públicos, de acordo com as preferências manifestadas pelos alunos ou por seus responsáveis, em caráter:

I – confessional, de acordo com a opção religiosa do aluno ou do seu responsável, ministrado por professores ou orientadores religiosos preparados e credenciados pelas respectivas igrejas ou entidades religiosas; ou

II – interconfessional, resultante do acordo entre as diversas entidades religiosas, que se responsabilizarão pela elaboração do respectivo programa.

Técnicos do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Espírito Santo e outros Estados não aceitaram a lei como estava, pois era um retrocesso (lei acima descrita).

Procuraram o Ministro da Educação que concedeu a mudança da lei, mas para isso seria necessário criar um órgão nacional de Ensino Religioso para assumir a mudança. Foi criado o FONAPER – Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso e nos Estados foram criados o Conselho de Ensino Religioso – CONER.

**ANEXO
XLVII**

No Espírito Santo é chamado CONERES – Conselho de Ensino religioso do Estado do Espírito Santo.

O Conselho de Ensino Religioso do Estado do Espírito Santo, também designado pela sigla (CONERES), é uma instituição de direito privado brasileiro, de natureza associativa, apolítica, sem fins lucrativos, fundada em dezembro de 1997, na cidade de Vitória, Estado do Espírito Santo, de acordo com a lei nº 9475, de 22 de Julho de 1997 que dá nova redação ao art. 33 da lei nº 9394 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e no § 2º que diz: Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas.

“O Ensino Religioso estrutura-se a partir da Escola desenvolve-se na perspectiva da construção do conhecimento do fenômeno religioso e alicerça-se na natureza de que as tradições religiosas (RELIGIÕES) conferem critérios de segurança para o exercício da cidadania”. (FONAPER).

A nova redação dada ao art.33 foi aprovada na Câmara Federal e sancionada pelo Presidente da República como substitutivo do art. 33 da LDB 947 de 22 de julho de 1997, que diz:

**ANEXO
XLVIII****LEI N. 9.475, DE 22 DE JULHO DE 1997**

Dá nova redação ao art. 33 da lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - O art. 33 da lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 33 - O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§ 1º - Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2º - Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso."

Art. 2º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 22 de julho de 1997, 176º da Independência e 109º da República.

Fernando Henrique Cardoso
Paulo Renato Souza

ANEXO XLIX

É preciso lembrar que o acompanhamento do Arcebispo de Vitória, D. João Batista da Motta e Albuquerque, foi fundamental para o Ensino Religioso da época bem como o auxílio dele prestado à Cieres, quando necessitávamos, foi de grande importância também para a aprovação do Ensino Religioso no Estado.

Foram nomeados dois elementos, um católico e outro protestante para trabalhar junto à Secretaria de Educação (SEDU) para servir de elo de ligação entre SEDU/CIERES.

Não podemos esquecer também de D. Geraldo Lírio Rocha, atualmente Arcebispo, pela sua cooperação, ajuda nas horas difíceis da Cieres e D. João Braz de Avis, na época era Bispo Auxiliar e hoje é Arcebispo de Brasília que muito nos apoiou, sendo um cooperador sempre presente, apesar de todo o seu trabalho junto à Arquidiocese, foi eleito Presidente da Cieres e aceitou de bom grado fazendo um excelente trabalho.

Ressaltamos também a pessoa do Arcebispo de Vitória, D. Silvestre Scandian grande homem que foi fundamental para a aprovação do Ensino Religioso no Estado, pois sempre esteve conosco, nos ajudou solicitando uma audiência com o Governador do Estado, Sr. Paulo Hartung para tratar do assunto em pauta. A audiência foi bastante proveitosa, pois além da presença do Governador também estava a Secretária de Estado da Educação e Cultura, professora Ana Maria Marreco.

O Governador nos ouviu e prometeu que faria o decreto sobre a legalização do Ensino Religioso no Estado e no dia 26/09/2006 saiu o referido decreto: O Governador do Estado pelo decreto 1735-R/26/09/2006, dispões sobre o reconhecimento e o credenciamento do Conselho de Ensino Religioso do Estado do Espírito Santo – CONERES como entidade civil representativa

ANEXO**L**

para o Ensino Religioso no Estado do Espírito Santo e pelo decreto Nº 173-R de 26/09/2006 dispõe sobre a oferta do Ensino Religioso nas Escolas Estaduais de Ensino Fundamental do Estado do Espírito Santo.

O CONERES é formado por elementos das várias religiões que pedem sua filiação. São filiadas ao CONERES: Igreja Católica Romana, Luterana, Metodista, Presbiteriana Unida, Episcopal. Recentemente se filiaram: Igreja Batista, Igreja Luterana da Missouri e o Movimento Afro e Espírita. O Coneres tem sua Sede no Instituto Martim Lutero, pois como entidade civil não poderia funcionar em dependências do Estado, sendo oferecida pela Igreja Luterana uma sala sem nenhum pagamento para a entidade. Com o substitutivo o Ensino Religioso tem uma visão de diálogo inter-religioso.

No Ensino Religioso:

O sujeito é o Educando.

O objeto de estudo é o fenômeno Religioso.

O objetivo é o conhecimento.

Esperamos, nós do Coneres que o Sr. Arcebispo e Bispos, Pastores e Coordenadores das diferentes religiões, possam continuar a nos oferecer o auxílio que precisamos para continuar com esse trabalho que é importante para os nossos alunos sendo crianças, adolescentes, bem como para as suas famílias, num mundo conturbado em que vivemos, possamos trabalhar a cidadania, os valores morais e éticos do ser humano com relação à sociedade, à família, à igreja e ao indivíduo como tal.

Diretoria atual do Coneres:

Presidente – Ir. Rita Cola – Católica

Vice Presidente – Pr. Alonso Paes dos Santos – IPU

ANEXO –**LI**

1ª Secretária – Rita Lea – Convenção Batista Capixaba

2ª Secretária – Ruth de Albuquerque Tavares – IPU

1ª Tesoureira – Eliane Littig Milhomem – Luterana – IELB

2ª Tesoureira – Eliete - IPU

ANEXO -

LII

LEI NO 9.475, DE 22 DE JULHO DE 1997

Dá nova redação ao art. 33 da lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - O art. 33 da Lei No 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 33 - O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo."

§1º - Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§2º - Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso."

Art. 2º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 22 de julho de 1997, 176º da Independência e 109º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
Paulo Renato Souza